

AUTORES & LIVROS

12/3/1942
Alto II

SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A MANHÃ"
publicado semanalmente, sob a direção de Mário
Leão (Da Academia Brasileira de Letras)

Vol. 11
Nºm. 12

Notícia sobre o Visconde de Taunay

Alfredo d'Escagnolle Taunay, Visconde de Taunay, nasceu no Rio de Janeiro em 22 de fevereiro de 1843. Era filho do comandante Félix Emílio de Taunay, Barão de Taunay e de D. Górdia d'Escagnolle Taunay.

Seu pai foi um dos preceptores de D. Pedro II, e durante muito tempo dirigiu a Escola Nacional de Belas Artes. Era filho de Nicolau Antônio Taunay, membro do Instituto da França, que viera para o Brasil, em 1810, fazendo parte de uma importante missão artística.

Do lado materno, era neto do Conde d'Escagnolle, emigrado da França pelas contingências da Revolução.

Alfredo d'Escagnolle Taunay estudo humanidades no Imperial Colégio Pedro II em 1858.

No ano seguinte matriculou-se na Escola Militar, no curso de Ciências Físicas e Matemáticas.

Foi alferes a partir de março de 1862, segundo tenente de artilharia em junho de 1864. Ia terminar o penúltimo ano do curso quando rompeu a guerra do Paraguai. Foi então incorporado ao Exército, e partiu para o campo de luta.

Em 1869 encontrava-se no Rio quando viera, em comissão, para trazer ao governo imperial notícias do corpo expedicionário de Mato Grosso, que, havia muito, se supunha perdido e aniquilado. Naquela ocasião convidou-o o Conde d'Edu, recentemente nomeado comandante em chefe das nossas forças em operação no Paraguai, para secretário do seu Estado Maior. Taunay voltou ao campo da luta, e ali ficou até o fim da guerra. Foi nomeado para redigir o "Diário do Exército", e nessa comissão mereceu os louvores dos seus chefes.

Fim da guerra, Taunay volta ao Rio, no posto de capitão. Conclui o curso de Ciências Físicas e Matemáticas. É nomeado professor interino da Escola Militar, e ali rege, durante alguns anos, a cadeira de Mineralogia e Geologia.

O aparecimento da "Retirada da Laguna", em 1872, chama a atenção de todo o Brasil para o jovem escritor. O Visconde do Rio Branco o indica à atenção do eleitorado de Goiás, e este o elege para a Câmara dos Deputados em 1872, mandato que foi renovado em 1875.

Em 1874, Taunay casou-se com a Cristina Teixeira Leite, filha do Barão de Vassouras.

Em 1875, foi promovido a major. No ano seguinte foi nomeado governador de Santa Catarina, onde ficou por dois anos.

Em 1878, caindo o Partido Conservador, em cujas fileiras militava, partiu para a Europa, em longa viagem de estudos.

Voltou ao Brasil em 1880, e um ano depois, vencida trabalhosa campanha eleitoral, regressava à Câmara, como depu-

tado por Santa Catarina. Em 1885, candidato a deputado pelo Rio de Janeiro, foi derrotado.

Nesse mesmo ano pediu dispensa do serviço do Exército. Foi então nomeado presidente da Província do Paraná. Poucos meses depois — em janeiro de 1886 — era eleito deputado geral por Santa Catarina. Não demorou a ser eleito senador pela mesma província, na vaga do Barão de Laguna. Foi no Senado um dos mais ardorosos partidários da Abolição.

Em 6 de setembro de 1889 recebeu o título de Visconde com grandeza.

Com a proclamação da República, em 1889, ficou fiel ao imperador deposto, e há numerosos e brilhantíssimos artigos seus perdidos hoje nas colunas monárquicas do "Jornal do Brasil" e de outras folhas do tempo, artigos que se destinam a por em destaque as virtudes de imperante banido e do regime que a República destrutiva.

O Visconde de Taunay teve a plena realização do seu talento no terreno literário.

Adotando o pseudônimo de "Silvio Dinarte", ele se estreou com o romance "Mocidade de Trajano", em 1870. Em 1872, publicou, em francês, a "Retirada da Laguna". Vieram depois "Inocência" (1872) que tem tido numerosas edições e está traduzida para várias línguas; "Lágrimas do Coração" (1873); "Ouro sobre azul" (1875); "Histórias Brasileiras" (1874); "Narrativas Militares" (1878); "Céus e Terras do Brasil" (1882); "Estudos Críticos" (1881-1883); "Amélia Smith" (drama, 1886); "O Encilhamento" (1894); "No declínio" (1899). Sua obra está toda sendo republicada pela Companhia de Melhoramentos de São Paulo. E dela damos adianta uma bibliografia completa.

Taunay foi também pintor, restando dele telas dignas de estudo.

Foi ele um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, tendo ali criado a cadeira nº 13, que tem, como patrono, Francisco Octaviano.

Era grande apaixonado da música, tendo deixado várias composições. Estudioso da vida e da obra dos grandes musicistas, manteve com escritores e jornalistas polêmicas sobre assuntos dessa arte. Notadamente com Tobias Barreto.

Taunay foi oficial da Ordem da Rosa, Cavaleiro da de São Bento, da de Avis e da de Cristo.

Faleceu a 25 de janeiro de 1890. Foi inumado no cemitério de São João Batista, e sobre o seu túmulo existe gravado este epitáfio:

"Aqui jaz o autor de duas obras que alcançaram renome valioso.

De "Inocência" a história (perturbante) de "Bernardim de Saint-Pierre" ("Recordações da guerra e de viagem").

Taunay foi oficial da Ordem da Rosa, Cavaleiro da de São Bento, da de Avis e da de Cristo.

Faleceu a 25 de janeiro de 1890. Foi inumado no cemitério de São João Batista, e sobre o seu túmulo existe gravado este epitáfio:

"Aqui jaz o autor de duas obras que alcançaram renome valioso.

De "Inocência" a história (perturbante) de "Bernardim de Saint-Pierre" ("Recordações da guerra e de viagem").

Taunay foi oficial da Ordem da Rosa, Cavaleiro da de São Bento, da de Avis e da de Cristo.

Faleceu a 25 de janeiro de 1890. Foi inumado no cemitério de São João Batista, e sobre o seu túmulo existe gravado este epitáfio:

"Aqui jaz o autor de duas obras que alcançaram renome valioso.

De "Inocência" a história (perturbante) de "Bernardim de Saint-Pierre" ("Recordações da guerra e de viagem").

Na fronteira com a Policia Alemã...

Visconde de Taunay
Carlsbad, agosto de 1878.

Escrevo estas linhas da mais célebre estação de águas da Boêmia, para onde vim depois de verificar que as de Contrexéville, que me haviam sido recomendadas em Paris, não eram para o meu caso de suficiente eficácia. Parti, pois, do departamento dos Vosges, e, atravessando a nova fronteira prussiana, em Avricourt, fui, no dia 5, dormir em Strasbourg, debaixo da proteção das baionetas do Imperador Guilherme.

Causa verdadeira dô transitar por esses departamentos da Alsácia e Lorena, tão profundamente franceses de coração, e entretanto hoje anexados, par droit de conquête, à poderosa Germânia.

A diferença radical que num simples relance de olhos se nota ao transportar a divisa da França é palpável.

De um lado veem-se férteis campos cultivados por homens entregues aos valentes e esforçados trabalhos próprios do seu sexo; do outro, todas as estações do caminho de ferro e cidades cheias, atopetadas de soldados, latagões, fortes, corados e robustos, de braços cruzados, a fumarem e a "fanarem", ao passo que as mulheres estão calhando, coletando as searas e ajudadas por crianças, dirigindo juntas de bois e de cavalos. E' o ideal realizado do chanceler de ferro, do Príncipe de Bismarck. E assim por toda a parte onde predomina o sistema da guerra preparada, para ter paz, isto é, no Grão-Ducado de Baden, Württemberg e Baviera, que foi cortando, e mais países da Alemanha unida para a felicidade e grandeza da Prússia.

Em Deutsch-Avricourt não se mostravam os empregados aduaneiros nada exigentes, pelo menos comigo. Examinaram-me pela ramo as bagagens, sem esmiuçar o que eu levava e contentando-se com sucintas declarações verbais. Uma só colou-me o transtornando-me o capítulo: um caixote de livros que eu trazia de Paris.

"São obras proibidas?" perguntaram-me; "não sei", respondi com verdade. "Se quiserem verificarem." Aberto o caixote, passaram rápida revista, mas pareceram esbarrar diante de um dos volumes da magnífica "Geografia Universal" de Eliseu Reclus: a França. O nome, com efeito, do autor não é de boa nota, mas a obra tem colas excelentes, muito sérias e de verdadeiro valor científico. "Para que leva este livro?", indagaram com ar suspeitoso. "Para le-lo", repliquei e, resmindo um tanto dificilmente os retalhos de alemão que ainda conservo em memória, fiz ver que as páginas estavam quase todas cortadas. Consultaram entre si, foram ouvir uns empregados de categoria superior e afinal o Eliseu Reclus transpõe a fronteira, em companhia de alguns romances ingleses e das "Harmonias da Natureza" de Bernardin de Saint-Pierre. ("Recordações da guerra e de viagem").

Taunay foi oficial da Ordem da Rosa, Cavaleiro da de São Bento, da de Avis e da de Cristo.

Faleceu a 25 de janeiro de 1890. Foi inumado no cemitério de São João Batista, e sobre o seu túmulo existe gravado este epitáfio:

"Aqui jaz o autor de duas obras que alcançaram renome valioso.

De "Inocência" a história (perturbante) de "Bernardim de Saint-Pierre" ("Recordações da guerra e de viagem").

Taunay foi oficial da Ordem da Rosa, Cavaleiro da de São Bento, da de Avis e da de Cristo.

Faleceu a 25 de janeiro de 1890. Foi inumado no cemitério de São João Batista, e sobre o seu túmulo existe gravado este epitáfio:

"Aqui jaz o autor de duas obras que alcançaram renome valioso.

De "Inocência" a história (perturbante) de "Bernardim de Saint-Pierre" ("Recordações da guerra e de viagem").

Taunay foi oficial da Ordem da Rosa, Cavaleiro da de São Bento, da de Avis e da de Cristo.

Faleceu a 25 de janeiro de 1890. Foi inumado no cemitério de São João Batista, e sobre o seu túmulo existe gravado este epitáfio:



VISCONDE DE TAUNAY

SUMÁRIO

PÁGINA 183:

— Notícia sobre o Visconde de Taunay.

— Na fronteira, com a polícia alemã... da Visconde de Taunay.

— Sumário.

PÁGINAS 184, 185 E 186:

— Algumas páginas de Inocência. Capítulo III, O Doutor. Capítulo VI, Inocência. Capítulo XXX, Desenlace. Do Visconde de Taunay.

PÁGINA 187:

— Lembrança da infância — O bom Tomaz, pelo Visconde de Taunay.

— Luta em torno de Meyerbeer, de Ernesto Feder.

PÁGINA 188:

— Bibliografia do Visconde de Taunay.

PÁGINA 189:

— A homenagem do Instituto Histórico ao Visconde de Taunay, na palavra de Joaquim Nabuco.

— Adeus a Taunay, de José Veríssimo.

— Dedicatória da Retirada da Laguna, do Visconde de Taunay.

PÁGINA 190:

— Um capítulo da Retirada da Laguna, do Visconde de Taunay.

PÁGINA 191:

— O beijo da Mucumba, do Visconde de Taunay.

— Correspondência de escritores — Carta do Visconde

de Taunay a Alberto de Oliveira.

— Carlos Gomes, compadido, do Visconde de Taunay.

PÁGINA 192:

— Bibliografia de Inocência. — Um noite no sertão, do Visconde de Taunay.

PÁGINA 193:

— Correspondência de escritores — Carta do Visconde de Taunay a Machado de Assis.

— Taunay, na opinião de Lucia Miguel Pereira.

— Inocência, na opinião de Francisco Octaviano.

— O General Osório, do Visconde de Taunay.

PÁGINA 194:

— O Visconde de Taunay, na apreciação de Ronald de Carvalho.

— Um livro do Visconde de Taunay, de José Veríssimo.

— Páginas do Visconde de Taunay — A floresta da Tijuca — A morte do coronel Camisa — Trabalho escravo — A chegada do calíptico.

PÁGINA 195:

— Olha canção do Beco, de Manuel Bandeira (da Academia Brasileira), com ilustração de Oswaldo Goeldi.

PÁGINAS 196 E 197:

— História de O Mulato, de José Montello.

PÁGINA 198:

— Consórcio da morte, de Aloysio de Castro (da Academia Brasileira).

— Correspondência de escritores — Carta do Visconde

Elegícides da Academia.

ALGUMAS PÁGINAS DE

CAPITULO III

O DOUTOR

Bemal promessas: a ninguém
nunca desfazem, e o mundo é
rico de malavars.

A esperança quando outros
não creem fui ganhar muito
tempo.

VIDIO, "A arte de amar".

As morres, dota a algum
colegio ou a seu gato.

POPE.

Spiracella. — De todo o parte-
wó que procuraria e se
esse continuasse assim, sou
de parecer que de uma vez devo
dedicar-me à mesma. Acho
que de todos os ofícios é este
a preferível, porque, ou se faz
bem ou mal, sempre no fim há
dinheiro.

MOLIERE, "O medico à porta".

Nascera Cyrino de Campos,
como dissera a Pereira, na pro-
víncia de São Paulo, na sossegada
e bonita vila de Casa Branca,
a qual demora umas 56 lé-
guas do litoral. Filho de um
vendedor de drogas, que se in-
titulava boticário e a esse ofí-
cio acumulava o importante
cargo de administrador do cor-
reio, cresceria debaixo das vis-
tas paternas até a idade de do-
ze anos, completos os quais lo-
ra enviado, em tempos de fe-
rias, a título de recordações
gaudiosas, a um velho tio e pa-
drinho, morador na cidade de
Ouro Preto.

Esse parente, selleiro, de
gênero rabugento, misantropo, e
dado às práticas da mais extre-
ma carolice, recebeu o pequeno
com mau modo e manifesto
descontentamento, tanto mais
quanto a presença de um es-
trangeiro vinha interromper os
habitos de completa solidão a
que se acostumara desde lon-
gos anos.

Era homem que trajava al-
da à moda antiga, usando de
sapatos de fiveira, calções de
braguilha, e cabeleira empinada
com o competente rabicho.

A sua reputação de pessoa
abastada era, em toda a cidade
de Ouro Preto, tão bem firmada
quanto a de refinado sovina,
chegando a voz pública a afir-
mar que o seu dinheiro, e não
pouco, estava todo enterrado
em numerosos buracos no chão
da alcova de dormir.

— Meu amigalhote, disse o
tal padrinho a Cyrino, poucos
dias depois da chegada, fique
sabendo que por qualquer coi-
sinha lhe sacudo a poeira do
corpo. Dé-se por avisado e an-
de direitinho que nem um fuso.

O menino, transido de medo,
passou a tarde a chorar num
canto sombrio da casa, onde
relembrou, até lhe vir o sono,
a alegre vida de outrora, os
festejos que fazia com os cam-
padões na víciosa reiha do Cru-
zeiro à entrada da vila de Ca-
sa Branca e sobretudo os cari-
nhos da sardosa mamãe.

Em seguida aquela admoes-
tacão preventiva fora o tio à
casa de uns padres que tinham
influencia na direção do Colé-
gio do Caraça e com eles arran-
jara a admissão do afilhado na
que estabeleciaimento de ins-
trução.

Como finório que era, conse-
guiu este resultado sem muita
dificuldade, pagando-o, a juros
compostos, com tentadoras pro-
missas.

Por ora, resmoneou ele,
nada poderia fazer pela educa-
ção do rapaz; mas... enfim...
um dia... estou já velho, e
tratará de mostrar que não me
esqueci dos bons padres que
tanto me ajudam hoje.

Lançada, assim, a eventualida-
de de uma verba testamentária,
fez-o decidida a entrada de
Cyrino na casa colegial.

O pressentimento da falta de
proteção natural torna as eran-
gas doces e resigadas. Tam-
bém não tuguia nem mugiu o
capirazinho ao penetrar no interno
em que devia passar tristamente os melhores
anos da sua adolescência.

Ótimo negócio fizera incon-
testavelmente o velho tio. Ia
ganhar, somente desembolsando



As ilustrações de "Inocencia", de F. Richter. — "Em breve
ao seu lado emparelhou um outro viajante..." (Pág. 15)

boas palavras e, por estar agar-
rado à vida, chegou até a levar
ao cemitério dois dos padres
que se haviam prendido às es-
peranças de valiosa recordação.

Afinal como tinha por seu
turno que pagar o tributo uni-
versal, um belo dia morreu
quando menos se esperava, dei-
xando muito recomendado um
seu testamento, que foi, com
efeito, aberto com sofrimento
digno de melhor êxito.

Testamento havia, força é
confessar; não já testamento,
mas extenso arrazoado todo da
letra do velho; barras de ouro,
porem, ou moços de notas, nem
sombra.

Estufaram-se a casa a alto a
baixo, levantaram-se os sol-
hos, escutaram-se todas as pa-
redes, quebraram-se os moveis;
nada apareceu, nada denunciou
esconderijo de riquezas, nem
coisa que com isso se aviz-
nasse.

Descobriu-se então que aquele
carola fora um pensador des-
abusado, antigo admirador de
Xavier, o Tiradentes, que num-
ca tivera vintem e vivera como
filósofo, grazinando lá consigo
mesmo de tudo e de todos.

Em o seu testamento uma
gargalhada meio de gesto, meio
de ironia, atirada de alem tú-
mulo e corroborada pelo legado
cristão que, em pomposo co-
dicilo, fazia aos padres do Ca-
raça da sua biblioteca, "afim,
dizia ele, de ajudar a educação
dos mancebos e auxiliar os bons
intendões dos bons homens e
virtuosos diretores".

Procuraram-se os talis livros,
e topou-se com um baú cheio
de obras, em parte deveradas
pelo cupim, que foram, incon-
tinente, entregues às chamas de
um grande auto de fé. Eram as
Ruinas de Volney, o Homem da
Natureza, as poesias eróticas de
Bocage, o Dicionário Filosófico de
Voltaire, o Cidadão de Pi-
gou-Libtrin, guerra dos Deu-
ses de Parny, os romances do
Marquês de Sade e outras pro-
míscuas de igual alcance e qui-
late, algumas até em francês,

mas anotadas por leitor ass duo
e mal ou menos convencido.

A consequência desse pesa-
do gracejo póstumo, que destrui-
u de raiz o conceito de uma
vida inteira, foi a imediata ex-
clusão de Cyrino do colégio de
Caraça.

Tinha então dezoito anos, e,
como era vivo, conseguiu, ape-
sar da natural pecha que lhe
atirava o parentesco com o es-
trambótico e débil protetor,
ir servir de caixeteiro numa bo-
tique velha e "manhosa", onde
foram voltando os hábitos da
casa paterna.

Leve era o trabalho, e o avia-
mento de prescrições tão lento
que os ingredientes farmacéu-
ticos ficavam meses inteiros nos
embacados e esborcinhados fras-
cos à espera de que alguém se
lembrasse de tirá-los do quele
bolorento esquecimento.

Em localidade pequena, de
simples boticário a médico não
há mais que um passo. Cyrino,
pôs, foi aos poucos e com o
tempo criando tal ou qual prá-
tica de receitar e, arranhando-
se a um Chernoviz, já seboso
de tanto uso, entrou a percor-
rer, com alguns medicamentos
no bolso e na mala da garupa,
as vizinhanças da cidade à pro-
cura de quem se utilizasse dos
seus serviços.

Nessas curtas digressões prin-
cipiou a receber o tratamento
de doutor. Então para melhor o
firmar, depois de se ter despe-
rido da botica em que servia,
matriculou-se na escola de far-
mácia de Ouro Preto com a in-
tenção de tirar a carta de boti-
cário, que o presidente de Mi-
nas Gerais tem o privilégio de
conferir, dispensando documen-
tos de qualquer faculdade re-
conhecida.

Antes, porém, de conseguir a
posse daquele lisonjeiro do-
cumento, fez-se Cyrino, num
de capricho, de partida de-
cidida e começou então a viajar
pelos sérios povoados a medi-
ar, sangrar e retalhar, unindo
a alguns conhecimentos de va-

lor positivo outros que a expe-
riência lhe ia indicando ou que
a voz do povo e a superstição
lhe ministravam.

Toda a sua ciência assentava
sobre o tal Chernoviz. Também era o inseparável "va-
demecum"; seu livro de ouro; Homero a cabeceira de Alexandre.
Noite e dia o manuseava; noite dia o consultava à som-
bra das árvores ou junto ao
leito dos enfermos.

Contém Chernoviz, dizem os
entendidos, muitos erros, mui-
ta lacuna, muita coisa inutil
e até disparatada; entretanto
no interior do Brasil é obra que
incontestavelmente presta bons
serviços, e cujas indicações tecem
força de evangelho.

Conhecia Cyrino o seu exem-
plar de cor e galateo; abriu-o
com segurança nos trechos que
desejava consultar e graças a
ele formara um fundo de his-
tória real e até certo ponto
exata, a que unira o estudo na-
atural das utilissimas e ainda
pouco aproveitadas ervinhas
do campo.

Afilm de aumentar os seus re-
ursos em matéria médica ve-
getal, foi a pouco e pouco dilati-
ando as excursões fora das ci-
dades, para as quais voltava,
quando se via farto de medicina-
mentos ou quando, digamo-lo
sem rebuço, queria gastar nos
prazeres e folias o dinheiro que
ajuntara com a clinica do ser-
tão.

Afinal, afeto a hábitos de
completa liberdade, resolveu
empreender viagem para Ca-
mapoan e sul de Mato Grosso,
não só com o intuito de exten-
der o raio das operações, como
levado do desejo de ver terras
novas e longínquas.

Curandeiro, simples curandelo,
la por toda a parte gran-
geando o tratamento de doutor,
que gradualmente lhe foi pare-
cendo, a si próprio, título iner-
ente à sua pessoa e a que tinha
incontestável direito.

Em formado era o coração
daquele moço, sua alma eleva-
da

da e incapaz de pensamentos
menos dignos; entretanto na
intimo do seu caráter se haviam
insensivelmente enraizado certos
habitos de orgulho, que nasci-
ram de tal ou qual charlatan-
ismo, oriundo não só da im-
grante insuficiencia científica,
como da roda em que sempre
vivera.

Afastava-se em todo instante,
ainda assim com os seus detri-
tores, do comum dos inícios
ambulantes do sertão, tipos que
se encontram frequentemente
naqueles paragons, evocados no
desto os atributos da maioria
essa ignorância, mas rodeados de
regalias completamente exce-
pcionais.

Por toda parte entra, com
eficio, o doutor; penetra no in-
terior das famílias, verdadeiros
ginecos; tem o melhor lugar a
meio dos hospedes, a mais ma-
cina cana; é, enfim, um personagem
enrido do céu e junto ao
qual accende logo, de muita se-
gurança em torno, não já en-
frentos, mas fanatizados crentes
que durante largos anos se ha-
viam medicado ou por conse-
lhos de vizinhos ou por suas
próprias inspirações e que na
chegada desse Messias de-
viam todas as ardentes expecta-
cias do almejado restabeleci-
mento.

CAPITULO VI INOCÉNCIA

Nesta douzela é que se adqua-
juntou a minha vida a sua forma-
tura.

HENOCHE, "O livro da amizade".

Jamais viu coisa tão perfeita
como o seu resto patético, os olhos
franzidos de sedosos chissos, am-
bito espesso e o ar melancólico
e doce.

GEORGE SAND, "Os misterios
galantes".

Tudo, em Fenella, realçava a
ideia de uma miniatura. Alegria
na paisagem, na figura, na
sobriedade, no olhar extraordi-
nário, prontidão, fogo e atra-
mento.

WALTER SCOTT, "Peveril de
Pico".

Depois das explicações das



As ilustrações de "Inocencia", de F. Richter. — "Do seu en-
tradiova singela expressão de encantadora ingenuidade..."
(Pág. 47)

"INOCÊNCIA" — Visconde de Taunay

das ao seu hóspede, sentiu-se, tirar a mão fria e um tanto incerta, e não poder atinhar com o pulso de tão gentil cliente.

— Então? perguntou o pal.

— Febre nenhuma, respondeu Cyrino, cujos olhos fitavam com mal disfarçada surpresa as feições de Inocência.

— E que temos que fazer?

— Dar-lhe hoje mesmo um suador de folhas de laranjeira da terra a ver se transpira bastante e, quando for meia noite, acordar-me para vir administrar uma ou dose de sultato.

Levantara a cortina os ohos e se cravara em Cyrino, para seguir com atenção as prescrições que lhe deviam restituir a saúde.

— Não tem fome nenhuma, observou o pal; há quase três dias que só vive de beberagens.

E' uma ardência contínua; isto é, sempre ceder debaixo e venho sempre ceder debaixo e arvoredo. E' uma menhinha.

— Pode no limiar da porta, comum com expansão;

— Meu senhor imagina...

Aí, aquela criança tem

benignas e pergunetas que me

fazem embatucar... Aqui, ha-

rá um livro de horas da minha

defunção avô.

— Tudo não é que um b' dia

ela me pediu que lhe ensinasse

que ideia!

— Ainda há pouco tempo me

dizes que quiseria ter nascido

príncipe... Eu lhe retruquei: E

que você é que é sen príncipe?

Sei que secundou (2) ela com

toda a clarice, é uma moça

muito bonita, que tem uma coroa de diamantes na

cabeça muitas lavradas (3) no

pó de ouro e que manda nos ho-

memos. Fiquei meio tonto. E se

o médico visse os modos que tem

com os bichinhos!... Parece

que está falando com eles e que

os entende. Uma bicharia

(4) em chegando ao pé de No-

cência, lhe manzana que nem

aventilha parida de fresco... Se

eu fosse agora a contar-lhe his-

tórias dessa rapariga, seria um

maravilhoso nunca... Entretem-

que é melhor...

Quando Cyrino penetrou no

quarto da filha do mineiro, era

quase noite, de manequila que, no

primeiro olhar que atirou ao re-

der de si, só pôde lobrigar,

a de diversos trastes de tor-

mas antiquadas, uma dessas canas,

um tanto em uso no inter-

ior; altas e largas, feitas de ti-

ra de couro engaduradas. Esta-

va encostada a um canto, e nela

havia uma pessoa deitada.

Mordida Pereira acender uma

vela de sebo. Vinda a luz, apro-

roximaram-se ambos do leito da

criançola que, achegando ao cor-

po e puxando para debaixo do

peito, uma coberta de algodão de Minas, se enrolhou toda, e

voltou-se para os que entra-

vam.

— Esta aqui o doutor, disse-

Pereira, que vem curar-te

de vez.

Boas noites, dona, saudou

Cyrino.

Tinha voz murmurada uma

resposta; no passo que o jorém,

no papél de médico, se sen-

tava num escabelo junto à ca-

ma e tomava o pulso à doente.

Viu então luz de chapinha so-

bre ela, luminando-lhe o rosto,

parte do colo e da cabeça, enfa-

tiada por um lenço vermelho

atado por trás da nuca.

Acabar de bastante descora-

da e um tanto magra, era Ino-

cência de beleza deslumbrante.

O seu rosto irradiava sin-

uosa expressão de encantadora

infância, realçada pela mel-

oriedade do olhar sereno que, a

vez, parecia, esbrigar por entre

os cílios sedosos a franjar-lhe

as pálpebras, e compriida a

ponta de projetarem sombras

um raimosus face.

Era o nariz fino, um bocadi-

lo arqueado; a boca pequena,

e queixo admiravelmente tor-

nado.

Ao erguer a cabeça para ti-

lar o braço de sob o lenço,

deixara um nado a camilhinha

de risco que vestia, deixando-nu

um solo de fascinadora alvura,

em que rassaltava um ou outro

sinal de mescena.

Razões de sobra tinha, pois,

o pretenso facultativo para sen-

ter entrar no círculo de luxo tão

estranya figura, isto deveras é

um tico (6) de gente.

— Não anarchise (7) o meu

Tonico, protestou sorrindo-se

Pereira. Ele é pequeno... mas

bom. Não é, meu manico?

O homunculo riu-se, ou me-

lhore, fez uma careta mostrando

dentesinhos ávidos e agudos, ao

passo que deitava para Cyrino

olhar inquisidor e altivo.

— O senhor vê, doutor, continua Pereira, esta criaturinha

de Cristo ouve perfeitamente

tudo quando se lhe diz e logo

compreende. Não pode falar...

— É, sempre pode dizer uma

palavra, ou outra, mas muito a

custo e quase a estourar de rai-

va e de canceria. Quando se

mete a querer explicar qua-

quer coisa, é um barulho dos

seiscentos, uma gritaria dos

meus pecados, onde aparece

uma voz aqui, outra acolá, mais

crisafazinhas no meio da barfu-

da.

— E' que não lhe cortaram a

língua, observou Cyrino.

— Não tinha nada que cortar,

replicou Pereira. De nas-

cente, o defeito e não pode

ser remediado. Mas isto é um

diabrete, que cruza este serião

de cabo a rabo, a todas as horas

de dia e da noite. Não é verda-

de, Tico?

— O anão abanou a cabeça,

olhando com orgulho para Cy-

rino.

— Mas é filho aqui da casa?

perguntou este.

— Nhor-não; tem mãe à beira

do rio Sucuriú, daqui a qua-

renta léguas, e envereda de lá

para cá num instante, vindos

o recebem com gosto, porque

é bichinho que não faz mal a

ninguém. Aqui fica duas, três

e mais semanas e depois dispa-

ra como um matteiro (8) para

a casa da mãe. E' uma espécie

de rachorro de Nocência. Não

é, Tico?

Fez o mudo sinal que sim e

apontou com ar risonho para

o lado da moça.

Pereira, depois de todas aque-

las explicações que o anão pa-

recia ouvir com satisfação, di-

solviu, voltando-se para este,

ou melhor abaixando-se em cima

da sua cabeça:

— Agora, meu filho, vai ao

carril grande e apinha para

mirim (9) uma mãosada (10) de

folhas de laranjeira da terra...

daquele grande que encosta

na tronqueira.

— Agora, meu filho, vai ao

carril grande e apinha para

mirim uma seta, sumindo-se logo na

densa escuridão que já se es-

pessava entre as árvores do pa-

reiro.

Mostrou o homunculo com

expressivo gesto que entendera

o sinal correto.

— Nôr-dôl, lhe disse o

mineiro, pôs-se a assobiar com

modulações à maneira dos

indígenas.

Houve uns momentos de si-

lêncio; depois veio correndo o

mineiro e, chegando-se para per-

to, mostrou por sinal que não

ouvira bem o recado.

— Uns limões doces, já...

Nocência está com sede...

Disparou o pequeno como

uma seta, sumindo-se logo na

densa escuridão que já se es-

pessava entre as árvores do pa-

reiro.

Claro era o dia; lindo.

Por toda a parte cantavam

mil pássaros. Graviam as gra-

lhas nos cerrados; piavam as

perdizes no relvado chão.

Cyrino ia muito agitado. Na-

da curva; os seus olhos, fitos

sempre na frente buscavam na

estrada, ansiosos, o vulto de um

cabaleiro.

Sou-lhe de repente aos ou-

vidos o tropel de um animal.

Alguém vinha a galope.

Seu coração pulsou que pa-

recia ter entrado também a ga-

lopado.

Mas o som partia de detrás.

Sem dúvida, algum viajante

vindo da vila.

Continuou Cyrino na vagaro-

sa marcha.

O estrípido vinha indicando

carreira folgada e que o...

consigo estaria emparelhando,

quem extravagante em hora tão imprópria corria a

desfiliada.

O mancebo de nada cuidava,

tanto que mal reparou que al-

guém a trote largo passara por

perto de si, quase a rocar ani-

mal contra animal.

Dali a pouco, novo galope se

fez ouvir.

Parciaia que o mesmo cavalei-

(Continua na pág. seguinte)



As ilustrações de "Inocência", de F. Richter. — "Ja Pereira precipitar-se sobre ela..." (Pág. 211)

cendo dos limões doces... Que cabeca!

Adiantou-se Pereira no ter-

reiro e, pondo as mãos junio à

boca, chamou com voz forte:

— O' Tico!

Prolongado grito respondeu-

lhe a certa distância.

O mineiro pôs-se a assobiar com modulações à maneira dos

indígenas.

Houve uns momentos de si-

lêncio; depois veio correndo o

mineiro e, chegando-se para per-

to, mostrou por sinal que não

ouvira bem o recado.

— Uns limões doces, já...

Nocência está com sede...

Disparou o pequeno como

uma seta, sumindo-se logo na

densa escuridão que já se es-

pessava entre as árvores do pa-

reiro.

Claro era o dia; lindo.

Por toda a parte cantavam

mil pássaros. Graviam as gra-

lhas nos cerrados; piavam as

perdizes no relvado chão.

Cyrino ia muito agitado. Na-

da curva; os seus olhos, fitos

sempre na frente buscavam na

estrada, ansiosos, o vulto de um

cabaleiro.

Sou-lhe de repente aos ou-

vidos o tropel de um animal.

Algumas páginas de "Inocência" -- (Continuação da página anterior)

(Continuação da pág. anterior)
ro havia dado de rédeas, cortando o rumo que levava.

Dessa vez, porém, Cyrino acordou do letargo, esporeou vigorosamente a sua cavalaria e... esbarrou com Manceio.

Instintivamente empalideceu. O outro estava também muito descolorido.

Estacaram eles os animais e fitaram-se alguns minutos, de um lado com desconfiança e medo, de outro com mal-entendido furor.

— Patrício, interpelou por fim o capataz em tom provocador, que faz meçê por aqui?

— Eu? perguntou Cyrino.

— Nhôr-sim, meçê mesmo.

— E' boa... viajo.

— Ah! viajai replicou Manceio. Então é andejo?

Andejo, não, contestou Cyrino com força. Não sou nenhum bruto.

E por prevenção levantou a capa do colde em que havia uma pistola, fazendo menção de sacar.

— Não será andejo, continuou o capataz, mas então o que é?

— Sou o que sou, não é da sua conta.

Contraiu-se o rosto de Manceio.

De um tranco chegou o cavalo bem junto a Cyrino e disse-lhe em voz surda:

— E' um ladrão... é um caboral!

A esse insulto, puxou Cyrino a pistola.

— Mato-o já, bradou com violência e continuou a desatarrancar.

Sorriu-se o capataz com desprazer.

Gentes, observou espumando para um lado, vejam só que valentão... E sabe manejar garrucha!

Acabemos com isso gritou Cyrino.

Acabemos, retorquiu Manceio com língua calma.

— Mas quem é o senhor? perguntou Cyrino.

— Eu?

— Sim... sim...
— Então não me conhece?
— Não balbuciou Cyrino.
— Conhece Nocência? ulvou Manceio com voz terrível.

E de sopetão tirando uma garrucha da cintura, desfechou a quimba roupa em Cyrino.

Varou a bala o corpo do infeliz e o fez baquear por terra. Dois gritos estrigiram.

Um de agonia, outro de triunfo.

Ficara Cyrino estendido de bruços. Reuniu os braços, que se lhe escapavam com o sangue, voltou-se de costas e prorrompeu em vociferações contra o inimigo, que o contemplava sardônico.

— Matador!... vil!... sim... conheço Nocência... Ela é minha... Infame!... Matasteme... mas malaste também a elai... Que te fiz eu?... Deus te há de amaldiçoar... sim, meu Deus, meus Santos... maldição sobre este assassino... Foge, foge... minha sombra há de seguir-te sempre...

— Melhor, interrompeu Manceio do alto do cavalo, isso mesmo é o que eu quero.

— Ah! queres? continuou Cyrino com voz rouquente, não é?... Pois bem!... De noite e dia... minha alma há de estar contigo... sempre, sempre...

Calou-se por um pouco e, revolvendo-se no chão, passou a mão pela testa. Lentjavam-lhe os olhos e suspirava com fúria e visgamento da morte.

Foi seu resto abandonando a expressão de rancor; a respiração tornou-se-lhe mais difícil.

— Não, murmurou com pausa e gravidade, não quero morrer... assim. Devo sair desta vida... como cristão... Hei de saber perdoar... E reuniu as forças, acrescentou com unção e energia: Manceio... eu te perdo... por Cristo... que morreu... na cruz, para nos salvar... eu te perdo... Nossa Senhora tenha pena de ti... Eu te perdo, ouviste?

A medida que o moribundo pronunciava estas palavras, esbugalhava Manceio os olhos de

horror, com o corpo todo a tremer.

— Não quero o teu perdão, bradou ele a custo.

— Não importa, respondeu-lhe Cyrino com voz suave. Ele é... doido do fundo da alma... Caia sobre tua cabeça...

Quero, quero morrer como cristão... Que me importa agora o mundo, a vingança... tudo?... só Nocência!... Colita da de Nocência... Quem sabe... sc... cia... não morre-rá? Manceio, dá-me água. Agua pelo amor de Deus!... Desce de cavalo, homem... É um defunto que te pede... Desce!

E com os braços erguidos acenava para Manceio.

— Agua, bradou o mancebo forcejando por levantar-se, dâ-me água... eu te dou a salvação...

Sentiu o capataz escorrer-lhe o suor dentro dos cabelos. Queria fugir e não podia. Parecia que os seus olhos tinham de acompanhar passo a passo a agonia da sua vítima. Aquela cena, só lhe atigurava um pesadelo, e completo torpor lhe tolhia os membros.

Tirou-se desse enleio o bater dos pés de um animal que vinha pela estrada a trote.

Ouvira também Cyrino o estrípido e arregalara com ansiedade os olhos.

Desabrochou-lhe nos lábios um sorriso de alegria tristeza.

Alguém vinha chegando.

Esprecou Manceio com vigor e cavallo e, levantando uma nuvem de poeira, desapareceu num abraçar de fechar os olhos.

Nisto assomava um cavaleiro numa das voltas do caminho.

Era Antônio Cesario.

Vendo um homem estirado por terra apressou o passo.

— O deitor! exclamou apressando-se rapidamente e todo horrorizado.

— Eu mesmo, respondeu Cyrino com voz fraca.

— Mas, quem lhe fez este dano, santo Deus?

— E correu para o moço abraçou-o de novo e levantou-o o corpo.

— Quem foi o assassino?

— Ninguém, rouquejou o miserável... foi... destino... Morro contente... Dá-me água... e fale-me de Nocência...

Aqua? exclamou Cesario com desespero, aqui no meio do cerrado?... O corrego fica a três léguas pelo menos...

— Ah! replicou Cyrino meio desvakulado, se não há... come que estancar a sede do corpo... estanque a... da alma... Nocência... onde está? quero vê-la... Diga-lhe que morri... por causa dela...

— Mas, quem o matou? bradou o ministro.

— Não vale a pena dizer-ló, respondeu o mancebo entre gemidos. Cuide agora... so de mim... Olhe... nunca fui mau... não tenho pecados... grandes... Acha que Deus me há de perdoar?

— Acho, respondeu Cesario com força...

— Que fiz eu... na minha vida? Talvez... enganasse os outros... dizendo que era... médico... Mas também curei algumas... De nada mais me recordo... Ah! sim... uma divida de honra... Na minha carteira... há uns seiscentos mil réis; pague... trezentos ao João Siqueira, da vila; dé... cinquenta mil réis... a cada camarada... meu... o mais... distribua... todo... pelos pobres... sobretudo... morféticos... depois das... misericórdias... que por mim... mandar... rezar... ouvir...

Fez o ministro sinal que sim.

Vinha a morte desdobrando as suas sombras no rosto de Cyrino. Ia-se-lhe empanando o brilho dos olhos; ficava a laringe trópega, afilaria-se-lhe o nariz e sinistro palor mais realava a negrura cor dos seus cabelos e barbas.

Sentaria-se Cesario no chão para segurar com mais jeito o corpo do moribundo. Duas lá-

grimas vinham-lhe sulcando as máscaras facies.

Ligeiro estremecimento agitava o corpo de Cyrino.

— Agora, acrescentou com voz muito sumida, chegou... o meu dia... Mas... eu lhe peço... nada diga... à sua afiliada. Não consinta... que caia com... Manceio.

— Então, interrompeu Cesario, foi ele quem?...

— Não, não contestou Cyrino, mas... ele havia de ser infeliz... Ouviu? Promete-me?

— Prometeu, respondeu Cesario com firmeza. Juro até...

— Pois bem, suspirou o agonizante, agora... agradeço a morte... Quero apagar-me... às Santas do Paraíso... e chamar por...

E com esforço, no último alento, murmurou mais e mais baixo:

— Nocência!

Na tarde deste dia, o viajante que passasse por aquele sítio poderia ver uma cova coberta de fredo, sobre qual se erguia uma cruz tosca feita de dois grossos pauzinhos amarrados com cliques.

Eram mostras da caridade do mineiro Antônio Cesario.

(1) — Passaro de plumagem negra com indito a denominação indígena — guira ou piassara preto — o seu canto é muito melodioso e os seus batidas eminentemente sociais.

(2) — Respondia.

(3) — Chamam-se "lavrador" na província de Mato Grosso colares de centas de ouro e adernes de ouro e prata.

(4) — Animal.

(5) — Palavra muito parecida com a anterior, mas não é só por a mesma.

(6) — Pediço.

(7) — Ridiculize.

(8) — Vendo do malo.

(9) — Esse para mim é acréscimo obrigatório em certas locuções do sertão.

(10) — Mais grande, perção nova.



Félix Emílio Taunay, Barão de Taunay (1795-1881)



Baronesa de Taunay, née visconde de Taunay (1815-1899)



O visconde de Taunay aos 18 anos de idade (1815)



-aos 20 anos de idade



-aos 22 anos de idade

UMA CASA QUE PERTENCE À HISTÓRIA

LITERÁRIA

Em nosso número anterior, publicamos a fotografia de uma casa que, segundo dizíamos, pertence à história literária do nosso país. Ali viveram e trabalharam Aluísio Azevedo, Olavo Bilac, Coelho Neto, outros escritores e poetas brasileiros.

Na legenda que acompanhava a fotografia, omitiu-se o local em que existe a casa em questão.

Podemos informar, hoje, que se trata do prédio n.º 169 (atual) da rua do Riochuelo.



As ilustrações de "Inocência", de F. Richter. — "Da parte de fora, agarrou-lhe Cyrino nas mãos..." (Pág. 140)

Lembrança da infância - O BOM THOMAZ VISCONDE DE TAUNAY

Foi em 1844, que minha família se mudou para a rua do chão de bonhomia, estrepeando Saco do Alfres n. 85, depois chamada da América. A nós eram agrados imensamente a enorme área de terreno que destinamos para jardim de recreio, todo plantado de arvores frutíferas, um imenso cajazeiro, tamareiro e uma palmeira de coco de catarro, a qual representa grande papel nas cenas da mocidade. Era a maior aspiração apanharmos os cocos que caíam e nesse ponto Thomaz mostrava rara felicidade. Se a noite venha, eu procurava levantar-me antes de todos, correndo ao jardim, descalço, para fazer a colheita. Quantas vezes, minha mãe não ralhou comigo por causa dessa travessura! O bom Thomaz! o bom Thomaz tão fiel, humilde e dedicadíssimo amigo de todos nós, modesto companheiro de infância, que tanto me queria, e aos menos, transportando depois a sua amizade profunda, e sempre respeitosa, nos filhos de seus senhores moços. Que alma nobre a desse servo, que coração afetuoso e cheio de delicadeza! Eu acima da sua condição! E nada tinha de todo; pelo con-

trário, era sagaz e espírito, propositadamente os nomes para realizar ingénios calombourgo, por vezes impagáveis, ditos com um sotaque muito seu, engorilhado "de boca mole", que ainda aumentava a graça.

Era filho de Benedicto, escravo do almirante Bonaparte, e irmão do Miguel.

Nas minhas longínquas reminiscências vejo-o sempre alegre, bem humorado, paciente, gozando do mais invejável gônia pela igualdade e a filosofia, acompanhando-me nos brinquedos e travessuras.

Dormia no meu quarto e tinha um sono absolutamente púlblico e esta disposição, a cal dormecendo "como uma pedra" apenas encostava a cabeça no travesseiro levava-me a lhe pregar, quando muito menino, seguinte peça. Ao apagarem a vela dizia eu Louvado seja Nossa Senhor Jesus Cristo: a que tinha Thomaz de responder: Para sempre amen! Apertava-lhe que adormecesse — este é estatuto — berrava eu da minha cama: Louvado seja Nossa Senhor Jesus Cristo! e ele estremecido levantava a ca-

beça e resignadamente contestava: Para sempre amen! logo virava a cabeça do Alfredo, ma depois recaindo no seu torpor quase invencível. Esperava eu mais uma ou três minutos e reconhecia, assim, umas três ou quatro vezes, e ele, sempre paciente e bondoso, sobreassentado e como semi-inconsciente do que dizia, dava-me o troco por um ato reflexo, até que afinal, me repreendia brandamente: Ah, Sinhózinho! também basta! deixa a gente dormir! solte-se! Ai então deixava eu de o tormentar.

Desde pequeno foi o Thomaz figura obrigada em quanta brincadeira imaginava eu. Graciosa a mim conheceu a glória da ribalta, representando numa pega de minha lavra (cedo entetido a "carriola das letras") e que a minha querida mãe, cegue ante as demonstrações da inteligência do filho a quem adorava, arrancava enormes gabos, verdadeiros brados de exaltação. Coisas do amor materno, sempre tão nobre até na suas exagerações... Mais ponderado, embora seguramente no íntimo não menos satisfeito e envaldecido, procurava meu bom pai lançar um pouco de água fria benedito da Silva.

O nosso bom Thomaz! Com que peso os vinhos rapidamente declinavam, atacado, ainda moço, de albuminúria e, afinal, vir a falecer a 8 de dezembro de 1888. Mandou, minha mãe, grata aos longos serviços de tão excepcional servicial, que se lhe comprasse uma sepultura perpétua no cemitério do Caju, onde numa lápide de mármore se inscreve o seu humilde nome. Thomaz Benedito da Silva.

LUTA EM TORNO DE MEYERBEER — ERNESTO FEDER

Toda a gente conhece essas rixas que se vêm, cada vez mais, escudando até que os adversários, totalmente esquecidos do ponto de partida e das causas do conflito, entram a brigar por brigas, por mero impulso adquirido. Debate desse gênero é o que nos recorda a luta que em torno de Meyerbeer, em 1880, nos em campos entre os dois dos maiores expoentes da intelectualidade brasileira — Escragnolle Taunay e Tobias Barreto.

Ao publicar, no dia 15 de outubro de 1879, na "Revista Brasileira", seu artigo "Meyerbeer e a ópera Os Huguenotes", o Visconde de Taunay, por certo, não contava desencadear, contra si mesmo, a polémica mais furiosa e violenta com que, provavelmente, jamais se viu a braços. Não foi uma simples resposta a que lhe deu o autor dos "Estudos Alemães", em cinco vastos artigos, Tobias condensara um curso de História e de Literatura comparadas sob o título: "Alguma cousa, também, a propósito de Meyerbeer". Taunay, assas imprudente, replicou, o que abriu ensejo a que Tobias lhe desejasse nova série de ataques e discussões: "Ainda alguma coisa, também, sobre Meyerbeer".

Discussão em torno do compositor? O pobre maestro serviu de pretexto. Em verdade, era o entrechoque de dois temperamentos. Era uma discepção onde ao lado dos argumentos, entravam as personalidades dos lutadores, tão dispares quanto a formação e à origem. De um lado, o Visconde representava a francesa, herdeiro, que era, de três nobres famílias francesas: os Taunays, os Escragnolles e os Beaurepaire, e educado num meio material e intelectual rico, na Capital e convívio da Corte, meio que lhe tornara familiares a civilização europeia e, sobretudo, os mitos todos da cultura gaulesa. De outro lado, Tobias, filho de "mestico bastante pronunciado" e de modesto extrato de orírios em Campos, autodidata e isolado na pequena Encôa, dono de uma cultura que nenhum brasileiro de seu tempo igualou. Se do ponto de vista eclético, executarmos Rui Barbosa, e que, havia dez anos, depois de ter adquirido, numa livraria recifense da rua do Imperador, um dicionário e uma gramática alemã, se especializara em todas as questões relativas à História e à Literatura Germanicas, chegando até a publicar, em língua alemã, Revistas de que era exclusivo redator e único leitor.

O Visconde de Taunay, como pode ele abalancar-se a escrever sobre Meyerbeer sem ter lido as obras de Heittner e de Georges Brandes, de Johannes Scherr, Julian Schmidt, Rudolf Gottschall, Hanslick, Honegger, Lehrs, Schopenhauer e Leibniz? Todas essas autoridades e outras muitas, opõe o fulminante polemista às teses do seu adversário, trazendo de cambulho, mestres cujo voto, falsos embora, é sempre instrutivo para os astros da ciéncia e cultura grandeza. Escrevendo sobre Meyerbeer sem posse a necessária aparelhagem científica, Taunay recorda ao seu terrível opositor a faccia do humorista berlimense Glasbrenner: "Tinha pena, papel e tinta; por que não escrever um artigo sobre Meyerbeer?" Para Tobias Taunay era leigo em História política e literária da França; não obstante já ser um pioneiro de francesismo entre nós; não obstante já ter ido, por certo, mais vezes a Paris do que eu à igreja da minha paróquia! E a Alemanha? "Se notável é a sua ignorância no que toca mesmo à sua querida França, massicamente enorme é a que dele se apodera"! No que respeita a tudo o que seja alemão. Como quer que Taunay triplicasse escorando-se, também, em testemunhos alemanes, Tobias lhe opõe o triplô de autoridades novas — Lessing e Lassalle, Landamar, Paul Lindau, Max Stirner, Hartmann, multiplicando as citações alemãs, o que levou Taunay a profligá-lhe o "grotesco germanismo e os termos alemães empolados, como 'culturgeschichte'". "Que diabo é isto?", exclama ele. Havendo Taunay metido a riso o purista, estilista, germanista, hebreu, hebraista", Tobias desanca, impiedosamente, nos feitos militares do Visconde, em seu estilo, em seu caráter, parodiando-o com a anecdota seguinte: "Constou-me que quando se achava em Berlim, passando, certa vez 'unter den Linden', o Imperador Guilherme, que por ali transitava, virou-se para o nobre chanceler e perguntou-lhe: — "Senhor de Bismarck, aquele é Taunay? E um bonito rapaz..."

Com estas linhas não é meu fito imiscuir-me numa luta que mostra toda a violência de uma briga em família, na qual os dois antropólogos representam diferentes facetas da mesma cultura brasileira, que tantas fontes enriqueceram. Desse, tão somente, trazer ao assunto que originou a pendâncie — a apreciação de

Meyerbeer — alguns documentos menos conhecidos que poderãoclarificar este ou aquele argumento da controvérsia.

Tobias acusa o seu adversário de não ter compreendido que Heine e outros alemães emigrados da Alemanha, como Meyerbeer, haviam preparado, na França, o terreno para a arte de Meyerbeer. E bem certo que os juízos de Heine acerca do compositor mudaram muito. Heine, chegado, havia pouco, a Paris, onde o maestro festjava seus melhores triunfos e de onde sua glória se irradiava na Europa e na América, alistou-se, a princípio, entre os seus admiradores. Qualificava de obra-prima o "Roberto, o Diabo", e os Huguenotes eram "uma catedral gótica erguida pelas mãos audaciosas de um gigante". Nos artigos de correspondência que envia às fazetas alemãs, asseverava: "A Academia Real de Música possue, fora Meyerbeer, poucos compositores que valham a pena de amplos comentários". Em carta a um amigo confessava ter ouvido dez vezes os Huguenotes. "É-me difícil fazer-lhe o merecido elogio."

dez anos mais tarde, entretanto, tudo mudou. Na "Correspondência musical de Paris" que Heine, em 1846, remete à "Gazeta Geral de Augsburg", o homem do dia é Verdi. "A glória de Meyerbeer, essa máquina artificial e cara, parou. Devendo seus efeitos a cálculos banais, toda aquela rima musical de mostra pobre e prosaica. Meyerbeer, depois de haver emulado os laureis adquiridos nas capitais alemãs, foi ter a Grã-Bretanha e, dali, à América. Aqui em Paris é ele uma charada que toda gente já decifrou, e ele é bastante arguto para ir buscar ovacões onde ainda seja um enigma." Havendo Frederico Guilherme IV, rei da Prússia, nomeado o maestro, administrador geral da Ópera de Berlim, e como ele tivesse desistido de seus honorários em favor da orquestra, Heine, num poema satírico, zomba do músico, "a trabalhar para o rei da Prússia" (isto é, para "o bistro").

É curioso acentuar que em Ricardo Wagner, cujo testemunho Tobias invoca, também, se observa a mesma atitude contraditória. Atribuindo Taunay a Meyerbeer "uma definitiva conciliação entre as tendências germânicas e as italianas", seu adversário lhe fez ver que Wagner, no panfleto "O Judaísmo na Música" achava nas melodias de Meyerbeer, "algo de anti-germânico e anti-nacional". Em tempos idos, porém, mal outro era o falar de Wagner acerca de Meyerbeer, músico e homem. Ricardo Wagner, muito completamente desconhecido quando chegou a Paris, fora carinhosamente recebido pelo grande maestro. "Mal podereis imaginar", escreve-lhe ele em carta recentemente descoberta, "a quão exaltadas mostras de reconhecimento me obrigais com a vossa simpatia tão lhana e que tanto me honra! Pela eternidade afora outra coisa não vos poderei dizer que não seja: muito obrigado, muito obrigado."

Poé esse mesmo tempo Wagner mandava para uma gazeta de Dresden um artigo que supera todos os encômios que Heine fizera a Meyerbeer. "Plantando-o em rosto", escreve Wagner, "temos a impressão de estar vendendo Haendel ou Gluck. Muita coisa de Mozart parece, mesmo, reproduzida nele. Não nos esqueçamos que estes eram alemães como Meyerbeer é alemão. Na conjuntura miserável da Alemanha descolonializada tememos de procurar as principais causas do destino, das injunções da aparência daqueles artistas. Nas velas de Meyerbeer corre o sangue generoso e limpo da Alemanha. Conservou o patrimônio alemão: a simplicidade e a pureza de sentimentos. Essas tendências virgens, que uma profunda emoção embeleza, são a poesia e o gênio de Meyerbeer." Foi o "Mercurio da França" que em seu número de 1º de abril de 1838, publicou, em primeira mão, essas apreciações espantosas de Wagner sobre Meyerbeer. Mais tarde, sobretudo no panfleto mencionado por Tobias, o autor de "Tristan e Isolda" se expressou por modo totalmente oposto, a respeito do criador dos Huguenotes". Ao tempo em que, em várias cartas, hipotecava a Meyerbeer irrestrita confiança, em outra escrevia a Liaz: "Minhas relações com Meyerbeer tem um caráter particular: não vou a ponto de detestá-lo, mas ele me é supinamente antípatico."

Como explicar essas contradições de que são acusados o maior poeta e o maior compositor que conhecemos, de perto, o maestro Giacomo? É evidente que considerações de ordem pessoal os arredaram da imparcialidade e do objetivismo de suas críticas, tirando todo o valor já a elogio, já a censura. As duas testemunhas de Tobias Barreto, por muito alto que estejam na esfera dos artistas, não podem ser chamadas como árbitros nessas lutas em torno de Meyerbeer.



O conde d'Escragnolle, avô materno do Visconde de Taunay (1785-1828)



A condessa d'Escragnolle, avô materna do escritor (1785-1840)



Nicolau Antônio Taunay, avô paterno do escritor (1755-1830)



Joséfina Agostinha R. Taunay, avô paterna (1765-1844)



Taunay aos 28 anos de idade

A BIBLIOGRAFIA DO VISCONDE DE TAUNAY

Romances

A Moçidade de Trajano, publicado sob o pseudônimo de Silvio Dinarte (Rio de Janeiro, 1870; Tipografia Nacional, 2 vols. in-16, 188 pág. 250 págs.).

Inocência, publicado sob o mesmo pseudônimo (Rio de Janeiro, 1872; Tipografia Nacional, 288 págs. in-12).

Duzentas edições em português com uma tiragem de quarenta e oito mil exemplares.

Em 1920 repalhou-se pelo mercado de livros uma edição não autorizada, no Rio de Janeiro, por José Joaquim de Acevedo, livreiro. Aprendendo preciosos herdeiros dos direitos autorais do visconde de Taunay, foi o falsificador condenado a pagar uma indenização àqueles a quem pretendera lesar, por sentença de 11 de junho de 1921, do Juiz Federal.

Traduções de *Inocência* em volume:

Em francês: por Olivier du Taiguy (Paris, 1896; Léon Chailley, 238 págs. in-16).

Em inglês: por James W. Wells (Londres, 1889; Chapman and Hall, 312 págs. in-16).

Text book em português e notas em inglês pelo prof. Mario B. Jones (Boston, 1923; D. C. Heath and Co., 196 págs. in-16).

Em alemão: por Arno Philip (Porto Alegre, 1961; Cesar Reinhardt, 205 págs. in-16). — Segunda edição (Porto Alegre, 1922; Germano Gundlach, 216 páginas), por Karl Schueler edição ilustrada e outra sem ilustrações (Berlim, D. Dreyer & Cia., 200 págs. in-16). Plágio da tradução de Philip com violação do original.

Em italiano: por G. P. Malan (Turim, 1893; L. Roux & Cia., 286 págs. in-16).

Em espanhol: por Arturo da Costa Alvarez (Buenos Aires, 1902, "La Nación", 291 págs. in-16). — Sexta edição, 1906.

— Pelo dr. José Vicente Concha, presidente da República da Colômbia (Bogotá, 1905). — Por um anônimo (Madrid, 1923; Editorial Puello, 267 págs. in-16).

Em croata pelo dr. Zoran Nićic (Agram, 1925, 196 págs. in-16).

Traduções na imprensa, em francês: no "Courrier International" (1883), no "Temps" (1886); em alemão: no "Deutsche Zeitung" de Porto Alegre (1894); em italiano: no "Corriere della Sera", de Milão (1896); na "Tribuna", de São Paulo (1890); em espanhol: em "La Nación", de Buenos Aires, e outro jornal porteno de José C. Soto; em sueco: num jornal de Stockholm (1896), por Karl Hagberg; em dinamarquês: num diário de Copenhagen (1893), pelo dr. Bjorwing Petersen; em polaco: num diário de Varsóvia, pelo engenheiro Kowalski; em japonês: na revista "Fastos" (1897); por Kawana Kwandzo; em flamengo: num jornal (1912), pelo cônego Salver.

Lágrimas do Coração, publicado sob o pseudônimo de Silvio Dinarte (Rio de Janeiro, 1873, F. Thompson, 259 págs. in-15).

Refundido e reeditado diversas vezes, sob o título de *Mauscríto de uma Mulher* (H. Garnier, 253 págs. in-16).

Ouro sobre Azul, publicado sob o pseudônimo de Silvio Dinarte (Rio de Janeiro, 1875, F. Thompson, 259 págs. in-15).

Refundido e reeditado diversas vezes, sob o título de *Mauscríto de uma Mulher* (H. Garnier, 253 págs. in-16).

Lágrimas do Coração, publicado sob o pseudônimo de Silvio Dinarte (Rio de Janeiro, 1873, F. Thompson, 259 págs. in-15).

Refundido e reeditado diversas vezes, sob o título de *Mauscríto de uma Mulher* (H. Garnier, 253 págs. in-16).

Ouro sobre Azul, publicado sob o pseudônimo de Silvio Dinarte (Rio de Janeiro, 1875, F. Thompson, 259 págs. in-15).

Refundido e reeditado diversas vezes, sob o título de *Mauscríto de uma Mulher* (H. Garnier, 253 págs. in-16).

Curiosidades naturais do Pará, na "Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro", tome 33, p. I (1890), 48 págs. in-8. As Caldas da Imperatriz, Ibid., tome 42, p. II (1872), 16 págs. in-8. Estas duas trabalhos se incluem na obra "Paisagens brasileiras", edição da Companhia Melhoramentos de São Paulo (São Paulo, 1926).

Curiosidades naturais do Pará, na "Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro", tome 33, p. I (1890), 48 págs. in-8. As Caldas da Imperatriz, Ibid., tome 42, p. II (1872), 16 págs. in-8. Estas duas trabalhos se incluem na obra "Paisagens brasileiras", edição da Companhia Melhoramentos de São Paulo (São Paulo, 1926).

Vidas de sacerdotes (São Paulo, 1923; 247 págs. in-16).

Vidas de sacerdotes (São Paulo, 1921; Companhia Melhoramentos de São Paulo (Weissflog Irmãos incorporada), 164 págs. in-16). Reedição em 1915.

MEMÓRIAS, DEPOIMENTOS PESSOAIS, AUTOBIOGRAFIA Trechos de minha vida (São

Melhoramentos de São Paulo, 1911; Companhia Melhoramentos de São Paulo (Weissflog Irmãos incorporada), 218 págs. in-16).

LIVROS DE CONTOS

Histórias Brasileiras, publicado sob o pseudônimo de Silvio Dinarte (Rio de Janeiro, 1874; B. L. Garnier, 327 págs. in-16).

Tradução italiana por G. P. Malan (Geneva, 1894; Stabilimento Forese).

Narrativas Militares, publicado sob o mesmo pseudônimo (Rio de Janeiro, 1878; B. L. Garnier, 270 págs. in-16).

As Entardeces, publicação postuma (Rio de Janeiro, 1900; H. Garnier, 198 págs. in-16). Reeditado pela Companhia Melhoramentos de São Paulo.

NARRATIVAS DAS CAMPAHAS DE MATO GROSSO E DO PARAGUAI

A Retirada da Laguna, quatro edições em francês, cinco mil exemplares (Rio de Janeiro, 1877; Imprensa Nacional, 224 págs. gr. in-8).

Paris, 1879; Pion-Nourrit.

Paris, 1891; Pion-Nourrit.

Tours, 1913; E. Arrauá. Oite edição em português com trinta e dois mil volumes (Rio de Janeiro, 1874; Tipografia Americana, 240 págs. in-18). Tradução de Salvador de Mendonça. — H. Garnier, 240 págs. in-16. 1901. Tradução do barão de Ramiz Galvão e reedições sucessivas. — Sétima edição, impressa pela Companhia Melhoramentos de São Paulo (Weissflog Irmãos incorporada). Tradução de Afonso de E. Taunay.

Traduções: Em alemão, pelo conselheiro Schneider, leitor do imperador Guilherme I. Em suíço, pelo cavaleiro Rosen. Em espanhol por S. Mararamay. A Retirada da Laguna inspirou ao escritor português Eduardo de Noronha um romance histórico — "O guia de Mato Grosso", Coimbra, 1909, págs. 374, e ao autor italiano Adeodato Paoneti um episódio teatral "Sangue brasileiro", 1921, página 58.

Diário do Exército, Campanha das Cordilheiras (Rio de Janeiro, 1870; Tipografia Nacional, 404 págs. in-8). Reeditado pela Companhia Melhoramentos de São Paulo em dois volumes: "A Campanha da Cornuílhê" e "De Campo Grande a Aquidabã" (1921).

Relatório geral da comissão de engenheiros junta às forças de Mato Grosso (1865-1866). Na "Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro" (1874), tome 37, p. II, 188 págs. in-8.

Viagem de regresso de Mato Grosso à Corte (1869, Ibid., p. II, 46 págs. in-8). Inserido nas "Viagens de outrora". Vd. mais adiante.

Catas da campanha (São Paulo, 1921; Weissflog Irmãos, 200 págs. in-16).

VIAGENS, DESCRIÇÕES DA NATUREZA BRASILEIRA

Cenas de viagem (Rio de Janeiro, 1868; Tipografia Americana, 189 págs. in-18). Reedição em 1923 (São Paulo, Irmãos Marrano, 210 págs. in-16).

Céus e terras do Brasil, publicado sob o pseudônimo de Silvio Dinarte (Rio de Janeiro, 1882; G. Leuzinger & Filhos, 126 págs. in-16).

Seis edições com doze mil volumes. Traduções em alemão pelo dr. Carlos Müller e em espanhol pelo dr. F. Quesada (na imprensa).

Curiosidades naturais do Pará, na "Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro", tome 33, p. I (1890), 48 págs. in-8. As Caldas da Imperatriz, Ibid., tome 42, p. II (1872), 16 págs. in-8. Estas duas trabalhos se incluem na obra "Paisagens brasileiras", edição da Companhia Melhoramentos de São Paulo (São Paulo, 1926).

Vocabulário da língua Guiana ou Chané (Na "Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro", tome 38, p. II (1875), 29 págs. in-8).

Os mimos caingangs e seu dialecto (Ibid.; suplemento do tomo 51 (1888), 60 págs. in-8).

QUESTÕES POLÍTICAS E SOCIAIS

A classe militar perante as Câmaras (Rio de Janeiro, 1879; G. Leuzinger & Filhos, 32 págs. in-8).

Viagens de outrora (São Paulo, 1921; Companhia Melhoramentos de São Paulo (Weissflog Irmãos incorporada), 164 págs. in-16). Reedição em 1915.

MEMÓRIAS, DEPOIMENTOS PESSOAIS, AUTOBIOGRAFIA Trechos de minha vida (São

Paulo, 1911; Companhia Melhoramentos de São Paulo (Weissflog Irmãos incorporada), 218 págs. in-16).

Reminiscências (Francisco Alves & Cia, 1902; 339 págs. in-12. — Reedição de 1923 pela Companhia Melhoramentos de São Paulo (Weissflog Irmãos incorporada), 219 págs. in-16).

Memórias do Visconde de Taunay. Volumosos inéditos, entregue à guarda do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em cuja Arca de Sigilo estão depositados, devendo ser abertos em 1943, se assim o entenderem os herdeiros do autor.

Recordações de Guerra e de Viagem (São Paulo, 1920; Weissflog Irmãos, 198 págs. in-16). — Reedição de 1923, Companhia Melhoramentos de São Paulo (Weissflog Irmãos incorporada), 186 págs. in-16.

Dias de guerra e de sertão (São Paulo, 1920; Revista do Brasil, 189 págs. in-16) — São Paulo, 1923; reedição de Monteiro Lobato & Cia, 183 págs. in-16.

Homens e coisas do Império (São Paulo, 1922; Companhia Melhoramentos de São Paulo (Weissflog Irmãos incorporada), 168 págs. in-16).

CRÍTICA LITERARIA E ARTÍSTICA

Estudos críticos. História da cultura do Pacífico; Literatura e Filologia (Rio de Janeiro, 1887; G. Leuzinger & Filhos, 2 vols. in-8 de 92 e 162 págs.).

Sobre a fixação das forças de terra; sobre os limites de Goiás e Minas Gerais. Três discursos proferidos em 1877 (Rio de Janeiro, 1877; G. Leuzinger & Filhos, 64 págs. in-8).

Sobre a fixação das forças de terra, a 14 de abril de 1882, na Câmara dos Deputados (Rio de Janeiro, 1882; Tipografia Nacional, 39 págs. in-32).

Sobre o orçamento da Justiça, a 1º de maio de 1882 (Rio de Janeiro, 1882; Tipografia Nacional, 40 págs. in-32).

Sobre a barra do Rio Grande (A. D. Pedro I Railway, a 17 de junho de 1882, Rio de Janeiro, 1882; Tipografia Nacional, 50 págs. in-32).

Sobre o orçamento da Fazenda, a 22 de agosto de 1882 (Rio de Janeiro, 1882; Tipografia Nacional, 39 págs. in-32).

Sobre o orçamento da Guerra, a 5 de junho de 1883 (Rio de Janeiro, 1883; Tipografia Nacional, 76 págs. in-32).

NO SENADO

Sobre o orçamento do Ministério da Agricultura, a 10 e 14 de setembro de 1886; sobre o porto de São Francisco, a 7 de setembro de 1886 (Rio de Janeiro, 1886; Leuzinger & Filhos, 91 págs. in-8 e outros).

NO INSTITUTO HISTÓRICO BRASILEIRO

Na sessão magna aniversária, a 15 de dezembro de 1879, como orador interino. Na "Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro", tome 33, p. II, 110 págs. in-8.

Por um trix coronel. Provérbio em 1870 (Na primeira "Revista Brasileira", tomo III, março de 1880).

Da mão à boca se perde a sopa. Provérbio em 1 ato.

HISTÓRIA, COROGRAFIA E ETNOLOGIA BRASILEIRA

Amelia Smith. Drama em 4 atos (Rio de Janeiro, 1886; Laemmert & Cia, 152 págs. in-16).

Estudo sobre belas artes (Ibid., 1879, tomo 1, 31 págs. in-8).

TEATRO

Amelia Smith. Drama em 4 atos (Rio de Janeiro, 1886; Laemmert & Cia, 152 págs. in-16).

A conquista do lobo. Peça em 3 atos (Na "Revista da Academia Brasileira", 40 págs. in-9).

Por um trix coronel. Provérbio em 1870 (Na primeira "Revista Brasileira", tomo III, março de 1880).

Na conquista do lobo. Peça em 3 atos (Na "Revista da Academia Brasileira", 40 págs. in-9).

Na conquista do lobo. Peça em 3 atos (Na "Revista da Academia Brasileira", 40 págs. in-9).

Na conquista do lobo. Peça em 3 atos (Na "Revista da Academia Brasileira", 40 págs. in-9).

Na conquista do lobo. Peça em 3 atos (Na "Revista da Academia Brasileira", 40 págs. in-9).

Na conquista do lobo. Peça em 3 atos (Na "Revista da Academia Brasileira", 40 págs. in-9).

Na conquista do lobo. Peça em 3 atos (Na "Revista da Academia Brasileira", 40 págs. in-9).

Na conquista do lobo. Peça em 3 atos (Na "Revista da Academia Brasileira", 40 págs. in-9).

Na conquista do lobo. Peça em 3 atos (Na "Revista da Academia Brasileira", 40 págs. in-9).

Na conquista do lobo. Peça em 3 atos (Na "Revista da Academia Brasileira", 40 págs. in-9).

Na conquista do lobo. Peça em 3 atos (Na "Revista da Academia Brasileira", 40 págs. in-9).

Na conquista do lobo. Peça em 3 atos (Na "Revista da Academia Brasileira", 40 págs. in-9).

Na conquista do lobo. Peça em 3 atos (Na "Revista da Academia Brasileira", 40 págs. in-9).

Na conquista do lobo. Peça em 3 atos (Na "Revista da Academia Brasileira", 40 págs. in-9).

Na conquista do lobo. Peça em 3 atos (Na "Revista da Academia Brasileira", 40 págs. in-9).

Na conquista do lobo. Peça em 3 atos (Na "Revista da Academia Brasileira", 40 págs. in-9).

Na conquista do lobo. Peça em 3 atos (Na "Revista da Academia Brasileira", 40 págs. in-9).

Na conquista do lobo. Peça em 3 atos (Na "Revista da Academia Brasileira", 40 págs. in-9).

Na conquista do lobo. Peça em 3 atos (Na "Revista da Academia Brasileira", 40 págs. in-9).

Na conquista do lobo. Peça em 3 atos (Na "Revista da Academia Brasileira", 40 págs. in-9).

Na conquista do lobo. Peça em 3 atos (Na "Revista da Academia Brasileira", 40 págs. in-9).

Na conquista do lobo. Peça em 3 atos (Na "Revista da Academia Brasileira", 40 págs. in-9).

Na conquista do lobo. Peça em 3 atos (Na "Revista da Academia Brasileira", 40 págs. in-9).

Na conquista do lobo. Peça em 3 atos (Na "Revista da Academia Brasileira", 40 págs. in-9).

Na conquista do lobo. Peça em 3 atos (Na "Revista da Academia Brasileira", 40 págs. in-9).

Na conquista do lobo. Peça em 3 atos (Na "Revista da Academia Brasileira", 40 págs. in-9).

Na conquista do lobo. Peça em 3 atos (Na "Revista da Academia Brasileira", 40 págs. in-9).

Na conquista do lobo. Peça em 3 atos (Na "Revista da Academia Brasileira", 40 págs. in-9).

Na conquista do lobo. Peça em 3 atos (Na "Revista da Academia Brasileira", 40 págs. in-9).

Na conquista do lobo. Peça em 3 atos (Na "Revista da Academia Brasileira", 40 págs. in-9).

Na conquista do lobo. Peça em 3 atos (Na "Revista da Academia Brasileira", 40 págs. in-9).

Na conquista do lobo. Peça em 3 atos (Na "Revista da Academia Brasileira", 40 págs. in-9).

Na conquista do lobo. Peça em 3 atos (Na "Revista da Academia Brasileira", 40 págs. in-9).

Na conquista do lobo. Peça em 3 atos (Na "Revista da Academia Brasileira", 40 págs. in-9).

Na conquista do lobo. Peça em 3 atos (Na "Revista da Academia Brasileira", 40 págs. in-9).

Na conquista do lobo. Peça em 3 atos (Na "Revista da Academia Brasileira", 40 págs. in-9).

Na conquista do lobo. Peça em 3 atos (Na "Revista da Academia Brasileira", 40 págs. in-9).

Na conquista do lobo. Peça em 3 atos (Na "Revista da Academia Brasileira", 40 págs. in-9).

Na conquista do lobo. Peça em 3 atos (Na "Revista da Academia Brasileira", 40 págs. in-9).

Na conquista do lobo. Peça em 3 atos (Na "Revista da Academia Brasileira", 40 págs. in-9).

Na conquista do lobo. Peça em 3 atos (Na "Revista da Academia Brasileira", 40 págs. in-9).

Na conquista do lobo. Peça em 3 atos (Na "Revista da Academia Brasileira", 40 págs. in-9).

Na conquista do lobo. Peça em 3 atos (Na "Revista da Academia Brasileira", 40 págs. in-9).

Na conquista do lobo. Peça em 3 atos (Na "Revista da Academia Brasileira", 40 págs. in-9).

Na conquista do lobo. Peça em 3 atos (Na "Revista da Academia Brasileira", 40 págs. in-9).

Na conquista do lobo. Peça em 3 atos (Na "Revista da Academia Brasileira", 40 págs. in-9).

Na conquista do lobo. Peça em 3 atos (Na "Revista da Academia Brasileira", 40 págs. in-9).

Na conquista do lobo. Peça em 3 atos (Na "Revista da Academia Brasileira", 40 págs. in-9).

Na conquista do lobo. Peça em 3 atos (Na "Revista da Academia Brasileira", 40 págs. in-9).

Na conquista do lobo. Peça em 3 atos (Na "Revista da Academia Brasileira", 40 págs. in-9).

Na conquista do lobo. Peça em 3 atos (Na "Revista da Academia Brasileira", 40 págs. in-9).

Na conquista do lobo. Peça em 3 atos (Na "Revista da Academia Brasileira", 40 págs. in-9).

Na conquista do lobo. Peça em 3 atos (Na "Revista da Academia Brasileira", 40 págs. in-9).

Na conquista do lobo. Peça em 3 atos (Na "Revista da Academia Brasileira", 40 págs. in-9).

Na conquista do lobo. Peça em 3 atos (Na "Revista da Academia Brasileira", 40 págs. in-9).

Na conquista do lobo. Peça em 3 atos (Na "Revista da Academia Brasileira", 40 págs. in-9).

Na conquista do lobo. Peça em 3 atos (Na "Revista da Academia Brasileira", 40 págs. in-9).

Na conquista do lobo. Peça em 3 atos (Na "Revista da Academia Brasileira", 40 págs. in-9).

Na conquista do lobo. Peça em 3 atos (Na "Revista da Academia Brasileira", 40 págs. in-9).

Na conquista do lobo. Peça em 3 atos (Na "Revista da Academia Brasileira", 40 págs. in-9).

Na conquista do lobo. Peça em 3 atos (Na "Revista da Academia Brasileira", 40 págs. in-9).

Na conquista do lobo. Peça em 3 atos (Na "Revista da Academia Brasileira", 40 págs. in-9).

Na conquista do lobo. Peça em 3 atos (Na "Revista da Academia Brasileira", 40 págs. in-9).

Na conquista do lobo. Peça em 3 atos (Na "Revista da Academia Brasileira", 40 págs. in-9).

Duas placas históricas

EM NOME DA NAÇÃO
GOVERNO DA REPÚBLICA
PELO SEU PRESIDENTE
ARTHUR DA SILVA RIBEIRO
MINISTRO E SECRETÁRIO DE ESTADO
DOS NEGÓCIOS DA GUERRA
HERALDO TEIXEIRA DE CARVALHO
CORSAKA ESTE PRÉTIO
ADMIRACAO E RECONCILHAMENTO
DEUS ILHORTE DOS HERÓIS DA
RETIRADA DA LAGURA
BAMOS DA CONSTÂNCIA E DO VAIOR
ONDE ACABARÍAMOS
PRIVACIÕES INEXCEDÍVEIS
ESCRIDOS POR IRMÃO CRUEL
INCITAR A TERRIBEL FRAZ FORTI
CIRCADOS PELO INCENDIO
VIMOS PELO OUTRA E OS CORAÇÕES
EXTRANIDOS DE FORÇAS
MAS LURGA DE ARMAO
VARAVAS BARFERAS OS CARROS
O BRAZ LHE CONFIAU
JULHO DE 1923

*Placa dedicatória do mo-
numento à "Retirada de
Laguna", em Nioque, man-
dada por em julho de 1923*

PRESIDENTE DA REPÚBLICA
OS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL
ARTUR DA SIENA DE RECHDES
MINISTRO E SECRETÁRIO DE ESTADO
DOS NEGÓCIOS DA GUERRA
GERAL
HERNANDEZ SETUBAL DE CARVALHO
ESTA HOMENAGEM CONSACRA
A FOME DA FAGÃO
MÉTODOS DO ESCRUTÓRIO JUSTIÇA
QUE AO MARRAR
COM AS SUPPLÉS VOZES DA VERDADE
OS FELIGRES GLORIOSOS
OS SAGRIFÍCIOS IRREDIVISÍVEIS
DAS FORÇAS IMPERIAIS DA
CAMPANHA DE MATO GROSSO
E RA
RETIRADA DA LAGUNA
170 ALTO CELEBROU
A CONSTÂNCIA E O VALOR
DOS SOLDADOS DO BRASIL
JULHO DE 1923

Placa dedicatória do monumento ao Visconde de Taunay, erguido em Aquidauana (julho de 1923)

A homenagem do Instituto Histórico, ao Visconde de Taunay na palavra de Joaquim Nabuco

"Venho trazer ao contemporâneo ilustra, que o nosso país acaba de perder, as derradeiras homenagens do Instituto Histórico, ao qual ele pertenceu por tantos anos e do qual se separou na exaltação de um sentimento generoso, mas onde por isso mesmo não diminuiu nunca o amor e a admiração que todos lhe voltaram, e também a saudade da Academia de Letras, para a qual é esta perda uma lembrança provisória, porque ele não era só um espírito radiante, era para nós um centro, uma força de presença... Não posso, porém, trazer ao seu tímulo esses tributos das duas Associações, uma, teatro de sua invejável mocidade, a outra, retiro do seu inconsolado declínio, sem dizer meu próprio adeus ao companheiro, ao amigo, de quem me separo... Acho-me sob a impressão de que tudo isto é um sonho; imagine ainda Taunay vivo no meio de nós, não o vejo morto, e algum tempo passará antes que eu conceda à realidade todos os seus tristes direitos... E' preciso sentirmos a sua ausência em nossas reuniões, perdermos um a um os hábitos que ele formou em nós, para, os seus amigos da última fase da vida, compreendermos em toda sua extensão o acontecimento de ontem, o alcance desta cerimônia... Não é no dia seguinte que eu pelo menos posso sentir toda a tristeza da data de 25 de janeiro, que para mim escurece o ano... E' um amargo que tem que ser sorrido aos poucos... Mas o que se pode, sim calcular desde já é a perda que sofre o nosso país tão reduzido em sua glória com o desaparecimento de Taunay. E' o caso de perguntar: quem nos resta? Que outro nome nosso adquiriu direito de cidade em outras literaturas? A dor de nenhuma outra morte brasileira repercutiria tão longe e se espalharia tanto como a desta... Ah! eu sei que há muitos quem julgue fácil fazer a "Retirada de Laguna" ou "Inocência". O mundo, o estrangeiro, porém, não o julga... O na- tural, o simples parece ao alcance de todos, e é o que está mais longe... Mas não é sómente como literato que ele avulta: é como individualidade, e pelo conjunto das qualidades de ação, é pelo fluido que ele desprendeu, pela eletrização do ambiente em redor de si, pelas correntes que transmitiu, pelo volume de opinião que deslocou em seu tempo... Nesse sentido, Taunay foi um modelador do novo Brasil, porque este será o campo das grandes migrações europeias como o outro o fora das antigas importações, ou dos últimos residuos africanos... E', mais que tudo, pelo supremo em sua vida da aspiração nobre, do elemento ideal, como se ela fosse o seu verdadeiro romance. Sua figura forma quadro desde a adolescência até a morte... Ele começa como um jovem ateniense combatendo pela pátria em uma expedição longínqua e logo escreve para principiar uma narração dessa retirada, que o fez comparar a Xenophonte... Na mocidade estás no lado de Rio Branco, de quem se faz o pregoeiro... Morto Rio Branco, ele é o seu próprio líder, o esboçador de uma política aberta de atração e incorporação do estrangeiro, a qual deixava na sombra tudo que o liberalismo havia sonhado de mais amplo ate então; no movimento da abolição, se a princípio receia a avalanche, tem logo a coragem de separar-se do seu partido, para apoiar o gabinete Dantas; por ultimo, depois de 15 de novembro só pensa em acabar bem, de acordo com seu passado, e, o que mais é consigo mesmo, com seu temperamento, com seus instintos, com sua tonalidade própria, e então como que resume sua existência em engrandecer a memória de D. Pedro II. E' que o seu aspirito precisava de uma grande afiação para se sustentar de pei... Ele sentia que sua época tinha acabado; que se havia tornado estranho à nova geração; que lhe era impossível tomar parte outra vez na vida pública, mesmo quando

renunciasse à ideia de restauração, sem subscriver uma série de condições que seriam a apostasia dos seus princípios, se não a renúncia de seu cavaleirismo, e nessa inatividade forçada via atrociar-se-lhe a imaginação e a iniciativa... Ah! senhores, tenho medo de insensivelmente desiludir, e é forçoso que partamos daqui... Adeus, meu caro Taunay! Tu sabes, tu sentes que te tornaste para nós ainda mais querido do que eras, deixando-nos; que tudo que diz respeito ao teu nome, à tua memória, à tua obra, serão outras tantas relíquias que havemos de recolher preciosamente; que tua lembrança será um elo de amizade e simpatia entre os que te foram afeiçoados... A morte foi o "bon à tirer" que Deus deu à tua vida... Cada um de nou quer agora o seu exemplar, a edição definitiva. Se morrestes em um momento de tristeza, morreste ainda, entretanto, em uma época relativamente risonha, pensando-se no qual ser a asperga, a esterilidade da jornada que nos restou, e não creio que tenhas inveja de nós... Quantos a nós, querido amigo, aqui te deixamos, inconsoláveis, mas certos de que não ficarás um instante só... Tens bem perío André Rebouças, que ainda ontem, acompanhavam a esta morada, e que não te deixará entrar sonhino no reino das sombras... terás, amanhã, teus outros amigos Carlos Gomes, Rio Branco, Pedro II, com os quais poderás falar a vontade da nossa terra... Mas parecete mais belo do que o mundo e parecer-te-á, estou certo, mais bela do que o infinito... E' que teu amor por ela foi o infinito que cabia em ti... Tua vida parece um voto feito pelos teus antepassados, que um dia ela acolherá: algumas coisas acima e além da tua própria vontade... Um dia esse amor supremo que lhe tiveste te será retribuido... O Brasil inteiro terá orgulho de ti, já o tem... Adeus, meu querido Taunay, adeus!"

ADEUS A TAUNAY

José Veríssimo

Dedicatória da "Re- tirada da Laguna"

*A sua majestade o senhor D.
Pedro II, imperador do Brasil.
Senhor.*

Ao se render Uruguaiana, inaugurou vossa majestade, na América do Sul, a guerra humanitária, a que aos prisioneiros poupa e salva, trata feridos inimigos com os deveslos dispensados aos com-

patriotas, a que considerando a efíssio de sangue humano deplorável contingência, aos povos apenas impõe os sacrifícios indispensáveis ao sólido estabelecimento da paz.

E é principalmente sob este ponto de vista que o Brasil

ponto de vista que ouso achar-me autorizado a colocar sob o angústio patrocínio imperial a desatirada narrativa da "Retirada da Laguna", obra da constância e da disciplina, em que os oficiais de vossa majestade, devendo defender, por entre obstáculos os mais diversos, as bandeiras e os canhões a eles confiados, jamais cessaram, quanto lhes foi possível, de conservar o legítimo desferro de bravos soldados, exasperados pelo furor do inimigo, e obstar à crueldade tradicional de auxiliares índios, vingativos como ser.

*E este reflexo de um grande
ato de iniciativa soberana, a
mais bela recordação que ja-
mai poderemos entre comara-
das invocar: cabe-me a honra
de a vossa majestade dedicá-la.
De vosso majestade imperial
súditó e servidor, muito hu-
milde e obediente, Alfredo d'Es-
craonneau Tauxen.*

Um capítulo da Retirada da Laguna -

Chegada às divisas das terras de guia Lopes. Passagem do Prato. O inimigo nos acompanhava sempre, mas perseguia-nos fruivamente. Dicas notícias do colera. Perplexidade do coronel Camisão. Ataques os enfermos. A separação. Ao tenente coronel Juventino e ao coronel Camisão saíam a peste. Morte do filho de Lopes. Procurou a marcha. Chegada à fazenda de Lopes; morre ele ali, de colera. Seu túmulo.

A picada que acabava de abrir o a tarde os casos epidêmicos a ponto capitais. Fiscaiores devem já passarem de se tornar impossível imaginar como poderíamos avançar. Nove arrenjo imaginado pelo comandante, para as paisias, levou ao desespero o descansamento dos soldados, que nela encerraram um ouro de corpos e de fadiga. Chegamos a presentir que entre eles se gerava a ideia de geral "salve-se quem puder". Metendo-nos no mato, diziam, "os menos bons de nós chegariam a Nióo; em todo o caso deixarmos de ser escravos de miseráveis, pela maior parte desvairados."

Entretanto tinha o inimigo vindo acompanhar no nosso último passo. Veli incomodar-nos uma partida de seus atiradores; também desvanceu-se logo diante de duas companhias nossas. Então, como nos achássemos incapazes de pensar em persegui-las, pussem-se as patrulhas a esquadrinhar, com todo o vigor, todos os cantos do nosso último acampamento. Como percebessem a existência de montinhos recentemente revolvidos, abriram os covais, delas exumando os cadáveres, para os despojar das miseráveis armaduras, que depois, violentamente, entre si disputavam. Houve mesmo quem se desse preça em os vestir. Permitiram-nos os óculos de olho, e se perceber claramente tão revolucionário espetáculo, que nos punha estupefactos como se inacreditável miséria constituisse. Ai umas das nossas granadas atiradas pole-pés de Napoleão Faria que fizeram a morte quando elas estavam em grande número, no meio das sepulturas — estourou-lhes suavemente sobre a cabeça, matando alguns. A outras atirou nos covais, dispersou os restantes, e libertou aquele local de sua presença. Tão justa repressão, ao velho trazer alguma animação ao espetáculo até o por do sol desse triste dia.

Já desde a irrupção do peste perdemos muito mais de com homens; uns vinte, acabavam de ser enterrados no acampamento que deixámos e com elas o tenente Guerra.

A's dois da tarde e à custa de muito trabalho tudo estava na margem direita, quimido, que fôr a maré, a morte a morte. Sacrificava-se assim os meribundos e o que ainda restava à coluna de força e futuro.

Já desde a irrupção da peste perdemos muito mais de com homens;

uns vinte, acabavam de ser enterrados no acampamento que deixámos e com elas o tenente Guerra.

A's dois da tarde e à custa de muito trabalho tudo estava na margem direita, quimido, que fôr a maré,

que fôr a morte a morte. Sacrificava-se assim os meribundos e o que ainda

restava à coluna de força e futuro.

Multiplicaram-se durante toda

A noite mandou chamar-nos o coronel Camisão. Já com os combatentes dos corpos fizeram várias conferências. Foi-lhe profundamente impressionado. Faleu, contudo, seu oratório de fatalidade que acompanhava os movimentos da coluna e várias vezes repetiu o que sinceramente lhe ia à alma: "para um chefe era a morte preferível a espetáculo que desde algum tempo tinha sob os olhos". Querendo-se, em termos comedidos, sem que lhe tivesse a ideia de autoria, da escolha do caminho que a haviam obrigado a seguir. "E Niño? exclamou. E os nossos enfermos? Ah! quanto queria eu estar no lugar de um destes que acabaram!" Bem percebemos que ainda tinha qualquer coisa a nos dizer: retrâmeno-nos, contudo, sem que conseguisse se abriu.

A's dez da noite vieram novamente chamar-nos, de sua parte. Deixámos o caçote que com o tenente coronel Juventino compartimos, e ambos fomos com ele ter. Já estava o comandante em conferência com o major Borges e o capitão Lega, estagiando os meios de transportar os novos doentes. Discutiu-se a possibilidade de colocá-los em metades de coches presas pelas beirais, a feição de cangalhas, que as mulas carregadoras do cortuchame deviam levar. Era a empresa inesqueível, quando mais não fosse, pelo arescimo de cargo que assim receberia sobre os soldados, já exaustos. Defendeu ele esta ideia com insistência e contra o opinião de todos os. Ainda de resto vez nos separamos sem lhe conhecer o íntimo pensar.

Alinhado, era cerca de meia noite, e de novo convocou os comandantes e os médicos. Acabou de tomar a suprema resolução com que, durante os últimos dias se embateu e cuja ideia, como recurso extremo, lhe havia sido exposta como ou de todos, sem que, confuso, houvesse alguém ainda ousado exprimí-la.

Depois de, em concisas palavras, haver exposto o estado das coisas, e a urgência da avançada rápida, com que estávamos todos perdidos e a impossibilidade, agora perfeitamente averiguada e geralmente reconhecida, de levarmos mais longe os enfermos, declarou aos comandantes que, a seu próprio responsável, e em obediência a rigorosos ditames que lhe impunham este dever, iam os coléricos, excepto os convalescentes, ser abandonados nesse mesmo pôr-do-sol. Não houve um só voto que contra esta decisão se levantasse. A si avaceava o coronel Camisão todo o responsabilidade. Longo silêncio colheu a ordem, sonecionei de-a

Convidei, contudo, o coronel aos médicos que lhe apresentaram abjetos, acesos inspirados pelo severo profissional.

Depois de alguma reflexão, disse a de Gestreia que não ouvia aprovar-lhe a demissão, só lhe competia, exato, o silêncio, pois se de um lado tinha de atender ao seu juízamento profissional, por outro achava-se este, no caso atual, em contradição absoluta com a sua consciência de funcionário público adiada à expedição.

Como fora de si, ordenou, então, o coronel que, à luz de factos imediatamente na mata vizinha se abrisse uma clareira, para onde seriam os coléricos transportados e abandonados. Ordem terrível de dor, terror de executar; mas que, no entanto, forçoso é confessar-lhe, não provocou um único reparo, um único distanciamento. Pussem os soldados, logo, mãos à obra como se obedecesssem a uma ordem comestível; e — tão facilmente cede o senso moral ante a pressão da necessidade — calçaram no bosque, com a espontaneidade do egoísmo, todos estes inocentes condenados, os desventurados coléricos, muitos deles companheiros de longo tempo, alguns a amiga provados por coagulados podecimentos.

E coisa que a muitos parecerá não menos espantosa, os próprios coléricos, desde os primeiros momentos, e com que fôr necessária recorrer a subterfugios, resignadamente acorriam este último golpe de fatalidade.

Contribuíam provavelmente as doenças de horrível mal para a indiferença dos pacientes; ou talvez também

a ideia do repouso substituído às torturas dos solavancos da marcha; mas acima de tudo, este desprendimento fútil da vida, próprio dos combatentes e que delas tão depressa, faz excelentes soldados. Apesar pediam todos um favor: que lhes deixássemos água. Dominados por tantas e tão funestas impressões nôs nos reuníramos em torno de bocas do tenente coronel Juventino. Chamaram-nos e atenção os seus gemidos: atormentado a moléstia de o soltar, tomou! Já estava irreconhecível, com a voz demudada a sinistra. Foi o nosso primeiro impeto correr à barra das docas dos médicos: dela voltávamos quando, junto a nós, rebombava uma detonação, seguida de variadas tiros das sentinelas inimigas. Era o soldado de plantão do quartel general que se suicidara; horríveis címbalos houve-o atordoado, delas ocoava de liberdade.

Ocorreram todos estes ruidos sem que o tenente coronel Juventino desejasse conhecer-lhes os motivos e até sem que percebesse porcos-lés Tumara-lh, pouce a pouca, a agitação a correr de frenética alucinação.

Nos mesmos, no seu luto, estatados pelo cansaço, esgotados por tanto sobressalto, mal conseguímos combater um sono ocabrunhado, pejado de pesadelos, de desonra e cornificina.

Durou a noite inteira a transladação das vítimas, até os primeiros albores do dia. Neste momento de agonia dos miseráveis abandonados, veio o velho guia Lopes, de regresso, desde o véspera, da excursão às suas terras, anunciar a morte do filho, de cuja moléstia já não noticiava. Tremido-lhe o voz, mas conservava um áudio calmo. "Meu filho morreu — disse o coronel. — E desço sepultá-lo em terra minha. É um pequeno favor que, por cle, e por mim, solicito: sua vida, como a minha, pertence à expedição. Deus, que tudo determina, salvou-o vórias vezes da mão dos homens para lhe mante-lo hoje".

Tudo, a cada momento, se antebrejava em termo de nós. Nada mais digno de inspirar同情 e a compaixão do que o aspecto do coronel, depois da ordem que deu, e impossibilidade completa: minas cruzados sobre o peito com o chapéu desabado sobre os olhos, procurava subtrair-se aos rolos do sol fulminante que o este triste censo iluminava. Quixando-se Juventino de sua ofuscante claridade, correu em buscas de um guarda sol que vimsse aberta; não conseguimos reprimirmos um grito de dor, encontrando sob este abrigado um dos mais empenados micos da coluna, o alferes Miró, que assustava por entre indivisíveis podernitas. Da manhã aínda o viremos vidente e bravo; depresso agora, sobre o cavalo, mal se sustinha entre os braços de um patrício e omigo, e caiu. Detundido, que não conseguiu em o entregar à terra.

Determinou-se o ponto da reunião: no meio da mangueira de Laranjeiras. Foi a finden o desempenho completo da missão de velho guia e este deveu parecer ser o último liame que a vida o prendia. Disseram-nos algumas horas antes: "Reparem este campo verde escuro; é o meu refúgio. Não chegará até lá. Os soldados, que não conseguiram chegar a este refúgio, escutaram com voz sumida: "Centenário o mata, que é muito sujo". Ao sair da noite estiveram à vista do colono, ao pé da mangueira, o antigo local de residência de gado da estância, que longe de longe nos mostrava Diógenes e tel. Do seu disco grande rosto, alorionados se desfizeram, no horizonte de horizonte, realçando o mais admirável perspectiva, tão beleza o memória nôla reproduzindo-nos. Estes emblemáticos eletros de natureza ainda mais portentosa nos tornavam o sentimento de morte e de xima ruína. Absorvi-nos este contemplação quando um esquife a parangonava chegado a nôla, com a intenção de cortar nalgum lugar a nossa linha indecisa e desarranjada. A porada instintiva que, por todo a parte, se realizou, preservou-nos de ataque.

(Continua na pág. seguinte)

Visconde de Taunay

O filho de Lopes, até então transportado num rapero de peço, e escondido pelos amigos comparsários de retiro no Paraguai, foi encerrado à morte direta. O pai que, enquanto se abria a sepultura, se manteve a alguma distância, disse, ao lhe contaram que o velho estava muito úmido e até encharcado: "Agora que importa! entremos, e que lhe pertence?"

Voltava, pouco depois, a calçar-se no seu luto pálido e como exequido do cansaço, dominando-se, contudo. Se os nossos olhos se dilatava a sua incusa propriedade; assimilando nos diversos pontos, por ele consagrados pelas recordações de vida plácida que ali lera e sua. Naquele ponto, no longe longe suas veias batiam a água de um solo nítido. Em outro encontrava o seu gado, de qual parte era meio olçado, pastores das melhores que o delimitavam desportivamente: impondo-lhe limites de patrícios; dominava-o limites de liberdade.

Ocorreram todos estes ruidos sem que o tenente coronel Juventino desejasse conhecer-lhes os motivos e até sem que percebesse porcos-lés Tumara-lh, pouce a pouca, a agitação a correr de frenética alucinação.

Quando o deixámos, justamente preocupados, e apressados pelo encontro do tenente coronel Juventino, viemos que nada mais havia a esperar do estado em que se encontrava e como tanto recorramos. Indeleva notícia os comandantes, qual não foi o nosso pavor quando o encontrámos, ele próprio, por sua vez, atacado.

Deitado de costas no moçego, com o chapéu no rosto, desde que se levantava e descorria, para nos falar, vimo-lhe irremediavelmente perdido; os estígmos do colera sobre ele se haviam impresso. Conquistava, no entanto, uma calma que a situação tornava admirável. "Vou morrer, também, pronunciou; era fatal. Salvei o expediente. C. que o sabe há de dizer"

As recomendações a marcha, nem sequer experimentou mal, e cavalgou, corrigindo-nos para um arrasto, onde o puseram ao lado do tenente Sylvio, já agonizante; dois cordeiros um perto de outo. Encarne, e impossibilidade completar: minas cruzados sobre o peito com o chapéu desabado sobre os olhos, procurava subtrair-se aos rolos do sol fulminante que o este triste censo iluminava.

Fazia remorsos perturbacionais de espírito, no aperçê das motivações que o haviam feito vir, e percebia estar a debate: intimamente, quando os suoi ordens estavam no domínio das fôtas consumadas? Fazia remorsos perturbacionais de espírito, intimamente, quando os suoi ordens estavam no domínio das fôtas consumadas? Fazia remorsos perturbacionais de espírito, intimamente, quando os suoi ordens estavam no domínio das fôtas consumadas?

Tudo, a cada momento, se antebrejava em termo de nós. Nada mais digno de inspirar同情 e a compaixão do que o aspecto do coronel, depois da ordem que deu, e impossibilidade completa: minas cruzados sobre o peito com o chapéu desabado sobre os olhos, procurava subtrair-se aos rolos do sol fulminante que o este triste censo iluminava. Quixando-se Juventino de sua ofuscante claridade, correu em buscas de um guarda sol que vimsse aberta; não conseguimos reprimirmos um grito de dor, encontrando sob este abrigado um dos mais empenados micos da coluna, o alferes Miró, que assustava por entre indivisíveis podernitas. Da manhã aínda o viremos vidente e bravo; depresso agora, sobre o cavalo, mal se sustinha entre os braços de um patrício e omigo, e caiu. Detundido, que não conseguiu em o entregar à terra.

Determinou-se o ponto da reunião: no meio da mangueira de Laranjeiras. Foi a finden o desempenho completo da missão de velho guia e este deveu parecer ser o último liame que a vida o prendia. Disseram-nos algumas horas antes: "Reparem este campo verde escuro; é o meu refúgio. Não chegará até lá. Os soldados, que não conseguiram chegar a este refúgio, escutaram com voz sumida: "Centenário o mata, que é muito sujo". Ao sair da noite estiveram à vista do colono, ao pé da mangueira, o antigo local de residência de gado da estância, que longe de longe nos mostrava Diógenes e tel. Do seu disco grande rosto, alorionados se desfizeram, no horizonte de horizonte, realçando o mais admirável perspectiva, tão beleza o memória nôla reproduzindo-nos. Estes emblemáticos eletros de natureza ainda mais portentosa nos tornavam o sentimento de morte e de xima ruína. Absorvi-nos este contemplação quando um esquife a parangonava chegado a nôla, com a intenção de cortar nalgum lugar a nossa linha indecisa e desarranjada. A porada instintiva que, por todo a parte, se realizou, preservou-nos de ataque.

(Continua na pág. seguinte)



Detalhe do monumento ao Visconde de Taunay, erguido em Aquidauana. O baixo-relevo do escultor

O BEJO DA MUCAMBA — VISCONDE DE TAUNAY

Quatro dias passou Trajano sem notícias de Amélia. A impaciência que o alavala, tocava a alma, inde com o finalizar das férias e a perspectiva de sua obrigação de retirada. Pensou por vezes ir afotamente per-
guntar ao enemigo Silveiras a razão desse estado de coisas; projectou falar a seu pae e todo o santo dia havia ou sentido o critério num dia peitado do re como Robinson na sua ilha.

Almíl reapareceu Berta mais qualificada do que nunca; vinha vestida com cuidado, bem penteadas, com um lencinho vermelho atado no pescoço e sobre o qual se alargavam as voltas de um cordão de ouro em que atraia penas a moedinha dada por Trajano. Havia sido furada na altura do olho de Jor-
ge IV de modo que aquele moedor parecia transformado em Cleópatra.

Ao chegar a margem, a mulata riu, riu, riu, riu, riu.

— Viva, sr. Trajano, disse, como?

Que fim levaste? perguntou.

Estive trabalhando. Não sei como o senhor. Eu cá não trabalho.

— Oito dias!

— Pois então? Que é a minha vida inteira sendo trabalhado e mal trabalho? Não sou eu exausta? — e sua voz tornou-se arrastosa — o meu tempo pertence aos meus senhores, isto é, à minha senhora Amélia.

Então foi ela quem te res-
teve?

— Nhô, sim!

— Mas ei leu minha carta?

— Isto agora é uma historia muito complicada... Quase vi-
ve perdida.

Depois que mostrei sua car-
ta a sínha feou ela furiosa,
parecendo disatinaada e até falou
de ir contar tudo no senhor
velho.

Mais por que? exclamou

Trajano. — Eu ia sei? Caprichos de
pente branca. Eu deixei passar
tempo repente e pus a carta em
caixa do tesourador. Esperei e es-
perei. Sínha seguiu-a, viu-
a um lado para outro, quis
abri-la, tornou a largá-la, afi-
zelou-a com punho duro. Entrei com
um ar de cantinha. — Berta,
não disse ela, bem te avisei, que
não querer ler esta carta — Pota
mambá, respondi-lhe, bote-a
fora, que hei de eu fazer dela?

— Vamos queimá-la! — E
tempo e lacre. — Coitadinhos,
tchuminguem então, coitadinhos
vai para o fogo sem culpa
nenhuma. Ah! se eu soubesse
que ia agora saber o que é que
Crt. Trajano quer com a sínha.
Má seja um peduço, mambá, só
não.

— Ela resistiu ainda,
mas tanto roguel que por fim
fiquei tudo. Depois ela guardou
a carta e tem andado muito
triste e amuada contra mim.

— Oh, não tem razão.

— Eso é verdade... Mas eu
não com esses arrufos... Eu
não vim cá... hei de trazê-la
para casa...

— Até aqui? Berta não é
tu que conseguiu isso.

— Olá se sou... E' questão
de capricho...

— Sim, traze-a cá...

— Estou lhe dando gelo. Ela
está arreia...

Mas o senhor é muito in-
frato...

— Eu? ingrato?... por que?

— Nem sequer olha para
mim.

— Estou te vendo; estás mu-
to chibante com o bonito cor-
dão de ouro e a moedinha.

— Tra-la-ei sempre comigo,
porque me foi dada pelo senhor,
disse com intenção Berta. E es-
te lenço assentou em mim?

— Muito, está lindo.

— O que? O lenço?

— O lenço em ti... Já se
gabe.

— Mas eu não sou bonita...

— Quem te disse?

— Eu que sei... O senhor é
muito bom, por isso gosto mui-
to de vósmece. Se não fosse esta
amizade... eu não lhe pedia
uma coisa que...

— Avisei-te, interrompeu Tra-
jano, que não tenho honte nada
para te dar.

— Também quem lhe pediu
dinheiro?

— Mas, disse Trajano pro-
curando desviar a conversa, o
que fará Amélia depois que...

Berta cortou-lhe a palavra

com animação:

— Não me aborreça, senhor.

— Deixemos por ora Amélia.

— Mulata! contestou o mo-
eço com severidade, não fale as-
sim de tua senhora.

— Ah! está hoje de mau hu-
mor? Ai cus?

— Diga, Berta, que quer de
mim?

— Nada quero, vou-me em-
bora.

— Não sejas tola, vamos ver

— Qual!

— Ora...

— Estou de viagem...

— Berta!

— Pois o senhor está com

tólices.

— Me pedias uma coisa...

— E era era bem simples...

— Pois desde já está dada...

— Arranlei-me do que lhe
ia pedir...

— Rapariga, não te faças de
zangada.

Neste ponto a conversa foi
interrompida, por isso que abri-
ava alguém. Tratava de um re-
pulso esconderijo por traz dos
bancos: Berta esgueirou-se por
baixo de umas árvores e desapareceu
como uma cobra.

No dia seguinte estavam ju-
tos no mesmo lugar, e o colo-
quio se empenhara animado:

— A sínha está quase res-
vidada...

— Consigue isto, Berta, que
eu te darei um cordeiro de vestido

de seda, custe o que custar. Se
eu tivesse já muito dinheiro a
disponibilizar, enchin-te as mãos de
ouro...

— Não sou tão exigente. O
que quer é uma coisa esqui-
lita e ao mesmo tempo muito
fácil.

— Fala então, está feito...

— Não se zangará comigo?

— Eu, que sou tão obrigado a
ti?

— Vela lá!

— Basta dizer.

Houve uns instantes de si-
lêncio, durante os quais Berta
mostrou no sangue mostrar hes-
itação. Afinal disse com im-
prudência, bem que as faces se
lhe tingissem ligeiramente de
vermelho:

— Pois bem, quero lhe dar um
beijo na testa.

Trajano corou.

— Ora, respondeu com calma
aparente, só isto. E' já. E ven-
tendeu-lhe a fronte.

Berta olhou-o fixamente, con-
mo que possuía de enleio, se-
gurou-lhe na cabeça, aproxi-
mou os lábios ardentes e im-
primiu um beijo prolongado e
perfumado não na testa, mas
sobre as faces do moço.

Este sentiu-se lata de si,

aperiou com força a esbelta ra-
pariga, ao passo que dos olhos
parceria saírem-lhe chispas de
fogo.

— Não faça isso, murmurou

Berta com voz sumida.

— Queres um beijo, exclu-
mou Trajano, eu quero mil!

Berta resistiu.

— Deixe-me, nhô Trajano.

E dando um grito ao corpo,

desenvinçilhou-se do abraço

como uma engua.

Correu alguma passa e parou.

Saia, exclamou elegante,

o senhor é como polvora.

Trajano desvendado tinha as
faces ardentes, os olhos baixos.
Não sabia como sair de posição
tão ridícula; via-se ameaçado
abridorido por um enfeite
de condição infim, uma escra-
va que o tornava joguete de suas fantasias, de seus maus
instintos e que atraçava com
perfídia sem par a Amélia, cuja
pureza maculava-se com o con-
tacto de tão artificiosa media-
cera.

— Berta, disse Trajano pro-
curando desviar a conversa, o
que fará Amélia depois que...

— Eu que sei... O senhor é
muito bom, por isso gosto mui-
to de vósmece. Se não fosse esta
amizade... eu não lhe pedia
uma coisa que...

— Avisei-te, interrompeu Tra-
jano, que não tenho honte nada
para te dar.

— Também quem lhe pediu
dinheiro?

— Mas, disse Trajano pro-
curando desviar a conversa, o
que fará Amélia depois que...

— Eu que sei... O senhor é
muito bom, por isso gosto mui-
to de vósmece. Se não fosse esta
amizade... eu não lhe pedia
uma coisa que...

— Avisei-te, interrompeu Tra-
jano, que não tenho honte nada
para te dar.

— Berta, disse Trajano pro-
curando desviar a conversa, o
que fará Amélia depois que...

— Eu que sei... O senhor é
muito bom, por isso gosto mui-
to de vósmece. Se não fosse esta
amizade... eu não lhe pedia
uma coisa que...

— Avisei-te, interrompeu Tra-
jano, que não tenho honte nada
para te dar.

— Berta, disse Trajano pro-
curando desviar a conversa, o
que fará Amélia depois que...

— Eu que sei... O senhor é
muito bom, por isso gosto mui-
to de vósmece. Se não fosse esta
amizade... eu não lhe pedia
uma coisa que...

— Avisei-te, interrompeu Tra-
jano, que não tenho honte nada
para te dar.

— Berta, disse Trajano pro-
curando desviar a conversa, o
que fará Amélia depois que...

— Eu que sei... O senhor é
muito bom, por isso gosto mui-
to de vósmece. Se não fosse esta
amizade... eu não lhe pedia
uma coisa que...

— Avisei-te, interrompeu Tra-
jano, que não tenho honte nada
para te dar.

— Berta, disse Trajano pro-
curando desviar a conversa, o
que fará Amélia depois que...

— Eu que sei... O senhor é
muito bom, por isso gosto mui-
to de vósmece. Se não fosse esta
amizade... eu não lhe pedia
uma coisa que...

— Avisei-te, interrompeu Tra-
jano, que não tenho honte nada
para te dar.

— Berta, disse Trajano pro-
curando desviar a conversa, o
que fará Amélia depois que...

— Eu que sei... O senhor é
muito bom, por isso gosto mui-
to de vósmece. Se não fosse esta
amizade... eu não lhe pedia
uma coisa que...

— Avisei-te, interrompeu Tra-
jano, que não tenho honte nada
para te dar.

— Berta, disse Trajano pro-
curando desviar a conversa, o
que fará Amélia depois que...

— Eu que sei... O senhor é
muito bom, por isso gosto mui-
to de vósmece. Se não fosse esta
amizade... eu não lhe pedia
uma coisa que...

— Avisei-te, interrompeu Tra-
jano, que não tenho honte nada
para te dar.

— Berta, disse Trajano pro-
curando desviar a conversa, o
que fará Amélia depois que...

— Eu que sei... O senhor é
muito bom, por isso gosto mui-
to de vósmece. Se não fosse esta
amizade... eu não lhe pedia
uma coisa que...

— Avisei-te, interrompeu Tra-
jano, que não tenho honte nada
para te dar.

— Berta, disse Trajano pro-
curando desviar a conversa, o
que fará Amélia depois que...

— Eu que sei... O senhor é
muito bom, por isso gosto mui-
to de vósmece. Se não fosse esta
amizade... eu não lhe pedia
uma coisa que...

— Avisei-te, interrompeu Tra-
jano, que não tenho honte nada
para te dar.

— Berta, disse Trajano pro-
curando desviar a conversa, o
que fará Amélia depois que...

— Eu que sei... O senhor é
muito bom, por isso gosto mui-
to de vósmece. Se não fosse esta
amizade... eu não lhe pedia
uma coisa que...

— Avisei-te, interrompeu Tra-
jano, que não tenho honte nada
para te dar.

— Berta, disse Trajano pro-
curando desviar a conversa, o
que fará Amélia depois que...

— Eu que sei... O senhor é
muito bom, por isso gosto mui-
to de vósmece. Se não fosse esta
amizade... eu não lhe pedia
uma coisa que...

— Avisei-te, interrompeu Tra-
jano, que não tenho honte nada
para te dar.

— Berta, disse Trajano pro-
curando desviar a conversa, o
que fará Amélia depois que...

— Eu que sei... O senhor é
muito bom, por isso gosto mui-
to de vósmece. Se não fosse esta
amizade... eu não lhe pedia
uma coisa que...

— Avisei-te, interrompeu Tra-
jano, que não tenho honte nada
para te dar.

— Berta, disse Trajano pro-
curando desviar a conversa, o
que fará Amélia depois que...

— Eu que sei... O senhor é
muito bom, por isso gosto mui-
to de vósmece. Se não fosse esta
amizade... eu não lhe pedia
uma coisa que...

— Avisei-te, interrompeu Tra-
jano, que não tenho honte nada
para te dar.

— Berta, disse Trajano pro-
curando desviar a conversa, o
que fará Amélia depois que...

— Eu que sei... O senhor é
muito bom, por isso gosto mui-
to de vósmece. Se não fosse esta
amizade... eu não lhe pedia
uma coisa que...

— Avisei-te, interrompeu Tra-
jano, que não tenho honte nada
para te dar.

— Berta, disse Trajano pro-
curando desviar a conversa, o
que fará Amélia depois que...

— Eu que sei... O senhor é
muito bom, por isso gosto mui-
to de vósmece. Se não fosse esta
amizade... eu não lhe pedia
uma coisa que...

— Avisei-te, interrompeu Tra-
jano, que não tenho honte nada
para te dar.

— Berta, disse Trajano pro-
curando desviar a conversa, o
que fará Amélia depois que...

— Eu que sei... O senhor é
muito bom, por isso gosto mui-
to de vósmece. Se não fosse esta
amizade... eu não lhe pedia
uma coisa que...

— Avisei-te, interrompeu Tra-
jano, que não tenho honte nada
para te dar.

— Berta, disse Trajano pro-
curando desviar a conversa, o
que fará Amélia depois que...

— Eu que sei... O senhor é
muito bom, por isso gosto mui-
to de vósmece. Se não fosse esta
amizade... eu não lhe pedia
uma coisa que...

— Avisei-te, interrompeu Tra-
jano, que não tenho honte nada
para te dar.

— Berta, disse Trajano pro-
curando desviar a conversa, o
que fará Amélia depois que...

— Eu que sei... O senhor é
muito bom, por isso gosto mui-
to de vósmece. Se não fosse esta
amizade... eu não lhe pedia
uma coisa que...

— Avisei-te, interrompeu Tra-
jano, que não tenho honte nada
para te dar.

— Berta, disse Trajano pro-
curando desviar a conversa, o
que fará Amélia depois que...

— Eu que sei... O senhor é
muito bom, por isso gosto mui-
to de vósmece. Se não fosse esta
amizade... eu não lhe pedia
uma coisa que...

— Avisei-te, interrompeu Tra-
jano, que não tenho honte nada
para te dar.

— Berta, disse Trajano pro-
curando desviar a conversa, o
que fará Amélia depois que...

— Eu que sei... O senhor é
muito bom, por isso gosto mui-
to de vósmece. Se não fosse esta
amizade... eu não lhe pedia
uma coisa que...

— Avisei-te, interrompeu Tra-
jano, que não tenho honte nada
para te dar.

— Berta, disse Trajano pro-
curando desviar a conversa, o
que fará Amélia depois que...

— Eu que sei... O senhor é
muito bom, por isso gosto mui-
to de vósmece. Se não fosse esta
amizade... eu não lhe pedia
uma coisa que...

— Avisei-te, interrompeu Tra-
jano, que não tenho honte nada
para te dar.

— Berta, disse Trajano pro-
curando desviar a conversa, o
que fará Amélia depois que...

— Eu que sei... O senhor é
muito bom, por isso gosto mui-
to de vósmece. Se não fosse esta
amizade... eu não lhe pedia
uma coisa que...

— Avisei-te, interrompeu Tra-
jano, que não tenho honte nada
para te dar.

— Berta, disse Trajano pro-
curando desviar a conversa, o
que fará Amélia depois que...

— Eu que sei... O senhor é
muito bom, por isso gosto mui-
to de vósmece. Se não fosse esta
amizade... eu não lhe pedia
uma coisa que...

— Avisei-te, interrompeu Tra-
jano, que não tenho honte nada
para te dar.

— Berta, disse Trajano pro-
curando desviar a conversa, o
que fará Amélia depois que...

— Eu que sei... O senhor é
muito bom, por isso gosto mui-
to de vósmece. Se não fosse esta
amizade... eu não lhe pedia
uma coisa que...

— Avisei-te, interrompeu Tra-
jano, que não tenho honte nada
para te dar.

— Berta, disse Trajano pro-
curando desviar a conversa, o
que fará Amélia depois que...

— Eu que sei... O senhor é
muito bom, por isso gosto mui-
to de vósmece. Se não fosse esta
amizade... eu não lhe pedia
uma coisa que...

— Avisei-te, interrompeu Tra-
jano, que não tenho honte nada
para te dar.

— Berta, disse Trajano pro-
curando desviar a conversa, o
que fará Amélia depois que...

— Eu que sei... O senhor é
muito bom, por isso gosto mui-
to de vósmece. Se não fosse esta
amizade... eu não lhe pedia
uma coisa que...

— Avisei-te, interrompeu Tra-
jano, que não tenho honte nada
para te dar.

— Berta, disse Trajano pro-
curando desviar a conversa, o
que fará Amélia depois que...

— Eu que sei... O senhor é
muito bom, por isso gosto mui-
to de vósmece. Se não fosse esta
amizade... eu não lhe pedia
uma coisa que...

— Avisei-te, interrompeu Tra-
jano, que não tenho honte nada
para te dar.

— Berta, disse Trajano pro-
curando desviar a conversa, o
que fará Amélia depois que...

— Eu que sei... O senhor é
muito bom, por isso gosto mui-
to de vósmece. Se não fosse esta
amizade... eu não lhe pedia
uma coisa que...

— Avisei-te, interrompeu Tra-
jano, que não tenho honte nada
para te dar.

BIBLIOGRAFIA DE "INOCÊNCIA"

Edições em português:

- ^{1*} Tipografia Nacional, 1872, Rio de Janeiro, 250 págs. in-7.
- ^{2*} G. Louzinger & Filhos, 1881, Rio de Janeiro, 311 págs. in-8.
- ^{3*} Lameire & Cia, 1896, Rio de Janeiro, 414 págs. in-18.
- ^{4*} Lameire & Cia, 1898, 1900
- ^{5*} Lameire & Cia, 1901, 1902
- ^{6*} Lameire & Cia, 1902, Rio de Janeiro, 421 págs. in-16.
- ^{7*} Miguel Metello & Cia, 1903, São Paulo, 415 págs. in-16.
- ^{8*} Miguel Metello & Cia, 1903, São Paulo, 415 págs. in-16.
- ^{9*} N. Falzone & Cia, 1904, São Paulo, 222 págs. in-16.
- ^{10*} Francisco Alves & Cia, 1912, São Paulo, 292 págs. in-16.
- ^{11*} Francisco Alves & Cia, 1915, Touros, Arnaud et Cie, 292 págs. in-16.
- ^{12*} Francisco Alves & Cia, 1920, Touros, Arnaud et Cie, 291 págs. in-16.
- ^{13*} Edição contracelada e apresentada pelos herdeiros do Vivente de Taunay, José de Azevedo, Rio de Janeiro, 1920, 109 págs. in-16.
- ^{14*} Francisco Alves & Cia, 1921, Touros, Arnaud et Cie, 292 págs. in-16.
- ^{15*} Típ. Ideal, de Heitor L. Conon, São Paulo, 1922, Edição popular de 169 págs. in-16.
- ^{16*} Companhia Melhoramentos de São Paulo, 1923, edição ilustrada de 239 págs. in-16.
- ^{17*} Francisco Alves & Cia, 1924, Touros, Arnaud et Cie, 292 págs. in-16.
- ^{18*} Companhia Melhoramentos de São Paulo, 1927, edição ilustrada de 231 págs. in-16 — São Paulo.

Em francês:

- Folhetim do "Courrier International", de Paris, em 1882.
- Folhetim do "Témoin", de Paris (1886).
- Volume in-16 da casa editora Leon Challey (1894, Paris), tradução do literato italiano da Toscana (não o parentônimo de Olivier de Châtellier), 249 págs.

Em inglês:

- Volume in-16, tradução do dr. James W. Wells, editado pela H. Ward Chapman and Hall (1888, Londres), 312 págs. in-16.
- Tradução em volume do Professor Marc Best Jones, de Pasadena College, Claremont (Califórnia). Texto em português, acompanhado de notas em inglês, glossário e resumo da gramática portuguesa. D. C. Heath and Co., Boston, 188 págs. in-16.
- Em alemão

- Folhetim do "Sensche Zeitung", de Porto Alegre, tradução do dr. Arno Philipp (1894).
- Edição em volume in-16 (Porto)

Alegría, 1891, Cesar Reinhardt, da tradução precedente, 245 págs. Edição em volume in-16 (Berlim, D. Dieter & Cia.), sem datação de data, tradução de Karl Schiller, plágio da tradução precedente, se envolta com matinées e violentações do texto original, 200 págs.

Edição em volume in-16 da tradução de Karl Schiller, com ilustrações de Max Thilo (Berlim, D. Dieter & Cia., sem designação de data), 218 págs.

Rodriguez da tradução de Arno Philipp por Germanno Gundlach & Cia, de Porto Alegre (1922), 216 págs. in-16.

Em italiano:

Folhetim do Corriere della Sera, de Milão (1886).

Folhetim da "Tribuna", de São Paulo (1888).

Edição em volume in-16, tradução do publicista G. P. Malas (d. E. Rau & Cia, Turim), 296 págs. (1922).

Em espanhol:

Folhetim da "La Nación", de Buenos Aires, tradução do Arturo Costa Alves.

Série da mesma tradução em volume in-16 da "Biblioteca de la Nación" (1902), 201 págs. Segunda edição em 1904.

Folhetim, tradução de José Clementino Soto (Buenos Aires) (1917).

Tradução do dr. José Vicente Concha, Presidente da Colômbia, Conselho, Presidentes da Colômbia, 1921, 247 págs. Prefácio do dr. Antônio Gomes Rostrope, Bogotá, 1925.

Edição em volume, sem designação do nome do tradutor, Madrid Editorial Pueyo, 1925, 247 págs. in-16.

Conta a existência de mais duas edições espanholas, só antigas, feitas em Espanha. Foram estas tiragens feitas antes da convenção literária hispano-brasileira.

Em croata:

Tradução em volume da autoria do dr. Zoran Ninic ("Zabavna Biblioteka"), 1925, Zagreb, págs. 196 in-16.

Em sueco:

Tradução de Karl Hagberg num jornal de Stockholm, o "Arionsbladet", em folhetins (1896).

Em dinamarquês:

Tradução do dr. Bjarne Petersen num diário de Copenhagen (1894).

Em polaco:

Tradução do engenheiro Kowalsky publicada num jornal de Varsóvia.

Em flamengo:

Tradução do rev. roncog Salvera num grande díario belga (1912).

Em japonês:

Tradução do texto inglês de James W. Wells, feita pelo literato Kawana Kwanmizu (1897), editada pela revista japonesa "Faster" (1898 ou 1900). A este respeito v. "The Sun", revista anglo-inglesa de Tóquio, de maio de 1899, "Silvia Diorite, the man of letters of Brazil", por T. Chidō.

Além do estudo da exegese literária da obra do erudito pernambucano Alfredo de Carvalho acerca de "Inocência", surgiu nos Estados Unidos outro estudo, devido ao seu homem de lettras prof. Marc Beach Jones: "character sources of Taunay's Innocence" (1924).

Tom "Inocência" inspirado a diversos autores dramáticos e compositores.

Citemos entre os primeiros: Silvio Bouchner, que lhe adaptou e encenou no teatro Italiano (1896) e José Clementino Soto, de Buenos Aires, que o romane fez uma peça em espanhol (1907).

Em 1915 teve dramaturgos brasileiros, teatralizaram a novela Carlos Góis, Roberto Gómez e Rodrigues Barboza, os dois últimos em colaboração.

Citemos ainda uma tentativa de aproveitamento do romance para o teatro, a do dr. Jorge R. de Cunha.

Destes arranjos, sobraram à crônica de Carlos Góis e Roberto Gómez. O primeiro destes dramaturgos, e testemunha autor dramático, imprimiu a sua peça em volume. Já foi ela representada numerosas vezes e com crescentes instâncias. A de Roberto Gómez também obteve excelente acolhimento das plateias luminosas e paulistas em 1921.

Por em 1910 levada à cena, em São Paulo uma ópera do mestre João Gómez Junior, "La Boscatina", cujo libreto é, em grande parte, sugerido pela novela de Taunay.

O mestre Leo Kessler compôs uma ópera "Inocência", sobre um libreto de poeta Emiliano Perneta, ópera de que deu audições de canto e orquestra em Curitiba.

Por "Inocência" ainda o primeiro romance brasileiro aproveitado para o cinematógrafo. Em 1915, exhibiu-se nas diversas casas de espetáculo de Brasil uma fita extensa do romance, pelo sítio italiano Capellani.

(A edição de "Inocência", da Companhia de Melhoramentos de São Paulo, dirigida por Afonso Taunay).



Taunay aos três anos de idade, num retrato de Maurício Ruggendas



Monumento ao Visconde de Taunay, erguido em 1923, quando presidente da República o sr. Arthur Bernardes, que a ordenou

a custo rompem os ares e neles se insinuam,

Venus só por si ilumina os grandes mísseiros e neles produz singular contraste de claros e sombras. De olho em oito anos atinge então brilho de paixão intensidade.

No mundo, porém, já todo envolto em trevas, não é senão aos poucos que se acalmam os ruidos da vida. Com efeito, nas primeiras horas da noite há ainda grandes rumores, ulvós distantes de feras, chamados angustiosos de pássaros, agitações desconhecidas e écos de súbito acordados.

Perce que a natureza, não de todo vencida pelo sono, se revolve, busca posição mais cômoda para o descanso, articula sons, balbucia, geme, sonha. Há visões de resistência que se quebra; alvoroz de alegrias que findam; abressaltos que abrandam, como travessa criança que, adormecendo ainda cheia de folguedos e de turbu-

lência do dia, os vê reprodutos na mente infantil e misticamente sorri e se agita. As vezes até soluça.

Então o embala o canto lanhudo e abafado da carinhosa mãe, e a cadência da voz doce e fagulha distendem-se nos membros, cerram-se-lhes todas as palpebras, aquietam-se, para a respiração, paira a serenidade no gracioso rosto, e sono reparador e tranquilo durante longas horas ministra ao cansado organismo elementos novos de vigor e duração.

Perde da meia noite, é que se faz silêncio completo.

Depois que nos alagados grita duas ou três vezes a alinhama-pólo marcando a hora com a vigilância do galo e acorriendo a saracura, o inambu, e o cojubi, que também cantam com mais ou menos regularidade, calma absoluta domina a sertão todo.

("Céus e Terras do Brasil").

A noite no Sertão

Mal negreja o lusco-fusco, ascendem-se rápidos os astros que povoam o firmamento.

Assim, ainda no alto dos céus correm fugazes lamprejados de lus- débil e fraca, como últimas ondulações de um líquido que se escôa, e já no ocidente brilha pouco acima do horizonte a vermelha Venus com o olhar plácido e fixo de formosa mulher, que olha diante de si sem nada filiar.

Mais um instante, e do seu

lado resplende, firme e sereno, Jupiter, que, certos meses do ano, quase compete em fulgor com a venusta filha.

Dali a pouco, no fundo negro-azul e débil do céu vermelho e planeta Marte; desenharam-se perfeitas as constelações: cintilam as estrelas, e como poeira de luar durada polvilha-se o Carreiro de São Tiago, a Via Lactea, maravilhosa faixa que cinge a esfera celeste, ora simples, ora dividida em duas ramos, quais braços de leitosa e aurífero rio, e dentro da qual se confunde, entre peço menos oito milhões de astros já formados, o sistema planetar a que pertencemos, com todas as irradiações de nosso ofuscante sol, seu pomposo cortejo, distâncias colossais, mundos imensos e todas as nossas grandezas, ufanias, sofrimentos.

Falsa desde logo Sirius, a malha bela estrela que contempla os olhos do homem; Sirius, a desferir a todo instante raios que do branco intenso, como chama de magnésio, cambiam para o vermelho e o verde, e da ciência denominam o Saco de Carvão.

Enrubesc Aldebaran, o Olho do Touro, em cujos feixes de luz se aviva a cor da cólera. Enquem-se vistosos Castor e Pollux, símbolos eternos de afetão e, talvez por isto, um mais instantâneo e persistente em seus fogos do que outro.

Extende Orion e luminoso

- Visconde de Taunay .

quadrilátero, em cujo centro reluzem os três pregos do afamado Boldrini.

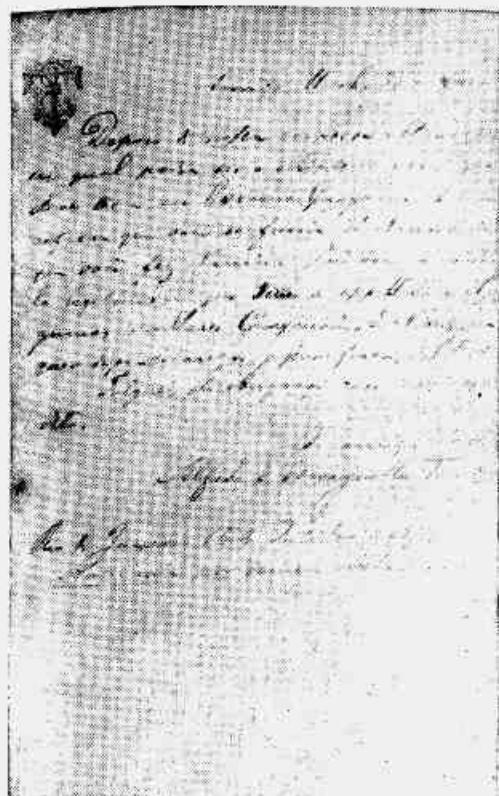
E encrava a cauda o Escorpião, coruscando em seu seio, como inflamado coração, o rubido Antares, que forma com a Lyra a base do triângulo coroadado por Arcturus.

Por seu turno emerge, com o movimento gradual e uniforme da abóbada celeste, a constelação do Cruzeiro, e os quatro pontos mais salientes de momento prendem o olhar de filho do Brasil e lhe infundem grata e inexplicável emoção. Não são primeiras grandezas no império, nem brillam todos iguais, mas têm com o nosso íntimo estreitas ligações, como se entre eles caminhara pela vastidão do tempo e do espaço o destino da pátria!

No prolongamento do braço da Cruz já se aletiam também as duas radiantes estrelas do Centauro e ao lado, como larga falha ou insondável abismo no infinito, escurece extensa superfície, que o homem do povo e o da ciência denominam o Saco de Carvão.

Em noites de calma, nas nossas noites tropicais, cheias de estranhos encantos, tudo aquilo — planetas, estrelas, Via-láteas e nebulosas, reflete com tal vivacidade que misticamente se esclarece a terra. Parece então que a lux uram descende em milhões e milhões de palhetanhas quase imperceptíveis, que

Correspondência de escritores

Carta do Visconde de Taunay
a Machado de Assis

Carta do Visconde de Taunay a Machado de Assis. No final da carta, Taunay escreve: "Em 12 de Outubro de 1862".

TAUNAY, NA OPI-
NIÃO DE LUCIA
MIGUEL PEREIRA

"Inocência" é, sem dúvida, o melhor romance de Taunay, muito superior aos demais; o que lhe marca um lugar na nossa literatura. Sendo o único que se passa no campo, entre gentes simples, poderia dar gosto de causa aos que sustentam a primazia da literatura regionalista. Entretanto, a um exame mais curioso, não revela senão que as qualidades e defeitos do autor melhor se acomodavam no traço do romance rural. O sentido do pitoresco, a naturalidade dos diálogos, a arte de recrear os valores secundários (natureza, ambiente, tipos e modismos das personagens) formam as qualidades mestras de Taunay como romancista, contrabalançadas pelos defeitos decorrentes da excessiva simplicidade, da regrada penetração psicológica, da ausência da complexidade, do mistério. Ora, com essas atribuições e essas falhas, é possível a um romancista compor um bom romance como "Inocência" em que a simplicidade das criaturas permite ao romancista construir-las com doce ou tristeza — embora nem sempre física, ou mesmo primitivo, nem sequer simplicidade de alma; em que o pitoresco tem tanta importância como psicológico; em que a reconstituição do ambiente passa de valor secundário a principal; em que a atmosfera adquire maior relevo do que ação.

"Revista do Brasil" — maio — 1941.

TRABALHO ESCRAVO
VISCONDE DE TUNAY

O homem, já que o escravo é também homem, sujeito à escravidão perde naturalmente todo pelo esforço que lhe não aproveita diretamente, e só morre pelo temor ou por um desejo baixo de agradar é que

desenvolve uma aparente atividade, nunca comparável com a que animava daquele que é livre e não precisa de instigações impróprias de sua dignidade. ("A mocidade de Trajano").

A FLORESTA DA
TIJUCA
VISCONDE DE TUNAY

E lá iam todas três, valentes, incansáveis.

Não havia recaídas da floresta da Tijuca que afinal não conseguissem, voltando de confusão a lhes admirar as incomparáveis belezas. E, na realidade, de quantas! Parece que por ali sobrepõe ainda a alma eternamente aquelas maravilhas totais, o influxo do barão de Escrenholle, tão preso aqueles floridos bosquinhos, aquelas frondosas avenidas aos serpentes regatos, aos numerosos detalhes e acidentes do vastíssimo parque, uma das raras paragens, nos arredores desta capital, em que ainda se ouvem as pungentes notas do sabiá e o gorgolejo das avezzinhas, tanto os defensos ele, vigilante e indignado, dos bárbaros passarinhos.

Também, só o gênio desse administrador modelo, perspicaz e retrôgrado, entusiasta da natureza, só uma indole poética e elevada, como a dele, poderia ter casado a graça, a majestade e exuberância da luxuriante flora intertropical com as mil flamas, intenções e graciosa das artes europeias, imprimindo o cunho tão original e idealista aos primores que sugestivamente foi aguçando. "Gruta de Paula e Virginia", "Cascata diamantina", "Vista de almirante" e outras, e outras: a maioria, porém, de todos, o "Excell-sior", teatral rasgão de vista sobre a larga baixada em que se encastava a baía do Rio de Janeiro, fechado todo o colosal panorama pela linha do alto mar, do oceano além, a confundir o brumoso horizonte com o estendido azul dos céus!

("No Declínio").

O GENERAL OSÓRIO - VISCONDE DE TAUNAY

Esperava-se o visconde do Herval, o tão popular Osório com efeito chegou a Piraú no dia 6 de junho, um domingo. Recebeu-o o Príncipe com grandes demonstrações de apreço, indo ao seu encontro e abraçando-o com efusão na estação. Em todos causou grande alegria a presença do velho e simpático general que ainda sofreria do grave ferimento recebido no dia 11 de dezembro de 1868, por ocasião das últimas balas da batalha de Avai. Tinha a mandíbula inferior partida, das feridas saíam-lhe continuamente esquirolos, não podia nutrir-se senão de líquidos e substâncias moles, impossibilitado de mastigação, e trazia os queixos cingidos por um paninho preto, amarrado no alto da cabeça.

Gostei muito, mas muito, de Osório, apenas lhe fui apresentado pelo sobrinho, ajudante de campo do Príncipe, capitão de cavalaria, Manuel Luiz da Rocha Osório, com quem desde logo eu me havia ligado bastante. Recordo-me perfeitamente que não pude compreender o que me disse por graujo o general, tal a mescla de português e espanhol aguado. "O doutor eu observou", ele com a fala grossa, pausada e um tanto cantada que o distinguia, deve ir já a Assunção. Chegou no porto um buque⁽¹⁾ carregado de patilhas⁽²⁾ para quem não as tem. E veja que o Manuel Luiz não o plie" (3). Todos riram-se muito; quanto a mim fiquei "a quo" sem saber o que responder.

Dai por diante, porém, deime bastante com o velho e engraçado general, que tinha, com efeito, muito charme natural. Convivia-me freqüentemente para o seu rancho e chamava-me "Sr. Bacharel".

Na qualidade de encarregado do "Ditado do Exército", posição cônoma que não me sujeitava imediatamente a nenhum chefe, andava eu mais ou menos isolado, quase sempre no estando-maio do Príncipe, mas muito à vontade, a ir de um lado para outro.

Foi quando, por sol resplandente, vi se prepararem as colunas de ataque no alto dos outeiros vizinhos. O espetáculo era positivamente deslumbrante, a alegria geral. Terminara o bombardeo de maneira que a fumaça, que se havia acumulado nas baixadas, como impeneirável e denso véu, de todos os lados subia adelgazada, cada vez mais tangida por brisa seca, quase friada.

Ai destacou-se, à frente de todos, da outra banda daquela em que eu me achava, um homem só, montado num grande cavalo branco, cuja pele brilhava à luz do dia como se fôr um animal todo de prata. Começou ele a descrever o declive com a maior calma a majestade, embora logo se tornasse avô de nitrada fuzilaria e até tiros de peça. Perguntel a um soldado de cavalaria que por junto de mim passou: "Quem é aquele cavaleiro?"

"É o general Osório" respondeu-me ele. E a estas simples palavras de mim se apoderou tal frenético de entusiasmo que eu quisera estar ao seu lado, ante os olhos de todo o exército brasileiro. São tais destes que arrebalam os homens até "os maf" frios e sécios e os levam à morte, confrontando extraordinares, quase inacreditáveis perigos. Em outras circunstâncias e de certo ai em cenário mais grandioso, repetia Osório a admirável façanha da passagem do Paraná, no Passo da Pátria, ele à frente de todos, sempre ele, jogando a vida com a maior serenidade, ou antes com a maior simplicidade, como se fôr o mais obscuro e insignificante soldado, cuja perda pouco importaria ao exército e à pátria.

Acredito bem que todos, todos sem exceção, experimenta-

ram aquele imenso choque elétrico, que nos fez fuzilar pela espinha dorsal o frio das grandes emoções. Correu com efeito logo, a emparelhar com o herói o general João Manuel Mena Barreto; mas minutos depois vi tombar aquele belo e bravo guerreiro atravessado por duas balas.

Em Caucupé foi que se retirou o general Osório. Os sofrimentos da ferida da mandíbula inferior se haviam exasperado e lhe aconselhavam obrigatoriamente repouso, em lugar de tantas caminhadas sob ardente sol.

Para mim foi muito sentida essa partida, pois adquirira excelentes relações com esta notável personalidade cheia de brilhantes qualidades militares. Nunca tinha mal jeito para grangear a estima dos oficiais e soldados e saber obter deles tudo quando quisesse nos momentos mais difíceis e arriscados, ninguém mais simpático e atraente sempre e sempre. Nunca de mau humor e de cara fechada, a menos que não entrasse em coleras medonhas; e então todo tremia diante dele e dos seus impetos. O quanto espírito natural! Que engracadas reflexões, que "piadas" (o termo familiar) impagáveis, a par de conceitos valentes, sintéticos, assimilados por muito bom senso e propriedade. Tão precioso no conselho, como no campo de batalha, se é que ai não se tornava superior a todos. Era general eminentemente tático, de posse de admirável sangue frio no meio dos maiores perigos. "Se uma bomba arrebatasse na ponta da nariz de Osório", dizia-me o Reinaldo, seu entusiasta fanático, ele nem sequer espíra". Ganhou a grande batalha de 24 de maio a poder de bravura pessoal levada ao último extremo, infundindo em todas as forças que nesse dia decisivo comandava, a certeza que em seu invencível peito ardia.

Não se distinguia, entretanto, pelas concepções estratégicas e como que lhe não agradavam planos estudados no silêncio e na mediatação do gabinete. Dedicava tudo ou quase tudo à indicação do momento.

Dianite da pleada de Sapucaí, que foi tomada com tamanha facilidade e perda de tão poucos soldados, vi Osório instar com o Conde d'Eu para levar ataque direto a trincheira que nos tomava a passagem. "É um instante", afirmava ele, Vossa Alteza verá". "Mas, observava o Príncipe, é o que se chama atear o touro pelas aspas!" "Qual touro", replicou Osório, E isto não passa de uma vaca velha!"

Tinha Osório muita firmeza, o espírito arguto, malicioso, e inclinado à política, diremos até à diplomacia. "C'était un rusé comme ça".

Rememoremos, porém, alguns dos seus ditos chistosos e picantes, que os tinha muitos, a cada momento, da maior espiritualidade, iluminando, por vezes, juizes concretos e de grande profundezas. Em certa ocasião, encontrei-o, deitado na rede, com um livro na mão: "Vocé, sr. bacharel, disse-me ele, tem dificuldade de saber tudo. Venha por em português esse 'english' de uma tigã". Comecei, com efeito, a leitura, traduzindo, confessando, com dificuldade o trecho apontado. Osório pegou logo no sono e retirei-me sem fazer barulho. No dia seguinte o general, encontrando-se comigo, interpelou-me alegremente: "Assim é que você fez o que lhe pedi, 'senhor vadio'?" "Mas v. exa. pôs-se logo a roncar, repliquei-lhe!" "É verdade, e só por isto querem bem aquele livro. Sonhei toda a noite que sabia multiíssimo mais inglês do que você".

Uma feita, convidou-me para almoçar. "Teremos o Oliveira,



Taunay, em 1865, aos 22 anos



Em 1869, aos 27 anos



Em 1868, aos 25 anos



Em 1869, aos 26 anos

avisou; é um verdadeiro duelo, entre vocês dois. Feijoada enorme que poderão, ca do meu lado, chupar sem ter que mastigar". Com efeito o pratinho estava excelente, e comemos a viver. Dias depois, chamou-me o Osorio e, abaixando a voz, disse-me com ar muito sério e engracadamente misterioso: "Você sabe, amigo, o meu dispenseiro declinou-me que naquele almoço da feijoada lá se foram os viveres de quinze dias. Estou agora aberto de deveras e obrigado por causa de vocês dois a jejunar. É bem duro na minha idade".

"Recordações de guerra e da viagem".

(1) Navio, barco.

(2) Suítes.

(3) Ligar o cavalo pelas patas, quando

UM LIVRO DO VISCONDE DE TAUNAY - José Verissimo

A sua obra copiosa, variada e multipla, acaba o sr. Visconde de Taunay de juntar mais um livro, "um romance contemporâneo", segundo o apelidou, com o título "No Declínio".

A fisionomia do sr. Taunay é uma das mais cativantes do nosso mundo literário, sobretudo para os que temem a ventura de conhecê-lo de perto. Todos sabem por que ele com a sua ingênua valéada "bon enfant", que não chega a ser nege um desfeito, no-lo tem contado repetidas vezes, que o sr. Taunay descendente de uma velha família francesa de artistas fidalgos, vindos para o Brasil na época e ao serviço de D. João VI. Esses artistas eram também eruditos, literatos, poetas, e de todas as suas capacidades transmitiram alguma coisa ao seu descendente, que desejá, já de todo brasileiro, dar na pátria do exílio deles novo lustre a um nome celebrado na história da arte francesa. Pela variedade das suas aptidões, o sr. Taunay mereceria esse seu nome de polígrafo, com que os bibliógrafos acreditam os que trataram e escreveram de muitas coisas.

"Guerreiro, professor de história, de línguas e de ciências naturais, engenheiro de profissão, político, parlamentar, publicista, historiador, romancista, crítico, dramaturgo, musicista, não há parte da vida brasileira em que a sua obra não apareça com mais ou menos distinção. A diversidade e dispersão dos seus talentos e de seu trabalho intelectual dão, entretanto, unidade às três qualidades essenciais do que lhe constitui a personalidade: o seu brasileirismo, o seu liberalismo, o seu espírito de propagandista. Parece que nenhuma destas características, que são, penso eu, verdadeiramente as suas, alguma coisa tem com o homem de letras, o artista literário que nele há. Engano; ainda a sua obra puramente de arte, o seu romance, a sua novela, o seu conto, o seu drama, a sua crítica, a sua história são impregnadas de um profundo espírito brasileiro, quase nativista, de um grande sentimento liberal, que apenas corrige sem atenuá-lo, e de uma disposição a propaganda que invadiu, às vezes imprestamente, o domínio da arte pura, lhe prejudicou a obra.

"E curioso, como caso psicológico, o brasileirismo do sr. Taunay. Ele foi um dos mais ardentes propagandistas do povoamento do Brasil pelo estrangeiro — solução fácil e única do que no sentido econômico se poderia chamar o problema brasileiro. Ela jamais teve medo dos agravos chineses, temerosos de que a imigrante viesse prejudicar uma nacionalidade, que alias carece dela como da própria seiva vital. E tinha em si um exemplo eloquissimo do enorme poder de assimilação do nosso meio. Filho de franceses, de educação francesa, falando durante a menorca e francês como língua materna, o sr. Taunay é, sem dúvida, entre os nossos escritores da primeira plana, mesmo entre os provincianos, servilanejos, matutos, mestiços, o mais brasileiro de todos. E não só o é pelo sentimento ou convicção que podiam ser objecto de cultura, mas radicalmente, pelos costumes, pelos hábitos, pelo sentir e até pelo modo de falar, por assim dizer, agapirado. O absentismo, o anelio de viver na Europa, é o sentimento de todo o brasileiro de alguma cultura. Tenho-o encontrado até em jacobinos e natimistas exaltados. Um dos raros que não tem e a quem, ao contrário, a vida fora do Brasil parece lhe ia uma provação, é o sr. Taunay.

"Político militante durante o Império, foi um conservador inteiramente deslocado no seu partido. Se um homem de Estado é aquela que tem idéias e as sabe realizar, havia talvez no sr. Taunay o estojo de um homem de estado. Dadas outras fações do seu espírito, e, entretanto, duvidoso que o fosse: em todo o caso, um propagandista inteligente das verdades necessárias do Brasil — a que ficaram sempre estranhas os grandes políticos do Império — havia nele. Foi esse conservador e convicto imperialista que, se batex pelas idéias cuja realização fora das principais conquistas da República, como a grande naturalização e o casamento civil, além de tudo quanto respeitava ao problema geral do povoamento do país, por este estupidamente desprezado. Foi esse conservador-monarquista quem combateu a opinião de um ministro liberal de que o Brasil monárquico não devia comparecer oficialmente à exposição com que a França celebrava o centenário da grande revolução. Como homem político e parlamentar, foi acaso o único que se preocupou, com escândalo dos seus colegas, de assuntos de arte e de letres no Parlamento. A sua vida política foi principalmente de propagandista de uma porção de idéias, das quais algumas já estão realizadas e outras voltam à discussão como novidades. Mas essa feição do seu gênio se não limitou à propaganda social. Não há nadia que lhe interesse de que ele não queira fazer participar os outros. Como La Fontaine com Baruch, se um livro lhe agrada, ele perguntará a todos se já o leram e o gabará com exagero. O sr. Taunay é um volflameano, mas julga a sua entrada garantida no céu, porque ele faz a reputação de dois padres: o padre Kneip e o dr. José Maurício. O sistema curativo do primeiro foi ele quem o introduziu no Brasil e, se eu não tivesse receio de malquistá-lo com a Diretoria da Saúde Pública, contava que de todo o país recebe ele consultas — e responde-as. O grande musicista brasileiro, foi ele quem o tirou do ostrich, quando dobrados mais alguns anos seria completo. Outro dia nos descobrimos ele um Vauvenagues brasileiro, e não se admitem que nos insinue um Larache-joucaud. Tudo isto lhe vai do fundo da alma otimista. Ele não teme a concorrência da glória e esforça-se por chamar a ela, com um ardo de cavaleiro andante, os seus amigos, companheiros de armas, os seus parentes, os seus amigos, os homens que prestaram serviços a Brasil, o coronel Lagos, o dr. Couty, Leverger e outros estrangeiros prestiminosos.

"Este espírito de propaganda e de nacionalismo invade por vezes inopportunamente a sua obra literária. Na "Inocência" não há, inspirado por ele, sendo

(Continua na pág. 198)

O Visconde de Taunay na apreciação de Ronald de Carvalho

O autor de "Inocência" e da "Retirada da Laguna", da "Mocidade de Trajano" e do "Manuscrito de uma mulher", era antes de tudo um escritor de raça, discreto, apurado e simples. Taunay juntou admiravelmente o fino gosto de um europeu à opulência meridional do americano, com as tintas delicadas da Ilha de França abalhou os tons violentos da natureza brasileira.

Nascido e educado no Brasil, sentiu desde cedo a necessidade de se fazer aqui uma literatura realmente nacional, sem os exageros de um regionalismo estreito, mas sob um ponto de vista mais elevado. Seus romances, ligeiramente influenciados de Machado e Alencar, revelam esse propósito nacionalista, que lhe foi a preocupação favorita de homem de letras. Seu nacionalismo era sincero, pois Taunay lutou por esta terra, deu-lhe o sangue e as forças, a inteligência e o corpo. Não se contentou com a existência facil das cidades, embronhou-se nos sítios mais remotos das nossas fronteiras ocidentais, não seguiria uma carreira cômoda, não se fez bachelard, fez-se soldado, e, como militar, tomou parte na guerra do Paraguai e na expedição de Mato Grosso, que deveria tornar famosa com a sua "Retirada da Laguna". Esse livro, onde, por mais que se pretenda negar, há muitas qualidades de imaginação nas descrições das paisagens e no lirismo que lhe imprime um sopro de epopeia, é um dos mais belos e reconfortadores poemas da nossa raça e o melhor título de glória para o seu autor.

Com "Inocência", começou a perder o romance de amor aquele saudoso sentimental dos de Macedo. Taunay introduziu na fábula um elemento de moderação, desenhando as paixões com menos violência e as figuras com mais naturalidade do que era comum. Houve quem o taxasse, por isso, de pobre de imaginação e seco de estilo, sem levar em consideração que o artista conhecia a justa medida das coisas, e evitava, portanto, as digressões campanudas, a parolagem e as empolas inuteis, de que costumavam servir-se os escritores nacionais, por indele derramados, como os portugueses. O propalado francismo literário de Taunay, não lhe é mais peculiar que o chateaubriani smo de Alencar, ou o alemãesme de Tobias Barreto. Todos nós que somos e escrevemos, tanto no Brasil como na América do Sul, temos sofrido, naturalmente, o influxo estrangeiro e, sobretudo, francês, espanhol e o italiano. A sombra dessas três literaturas se desenvolveu a nossa, desde que principiamos a pensar independentemente de Lisboa ou Coimbra.

Antes do nosso indianismo já Cooper, nos Estados Unidos, e Chateaubriand, na França, tinham voltado os olhos para as savanas e as florestas do novo mundo, aquele com mais sinceridade e este com mais artifício, porém, ambos com igual entusiasmo. Não somos nós que descobrimos o selvícola no seu aldeamento agreste, nem o saltador na sua faja cavada na rocha bruta. Os que aqui primeiramente falaram do índio, como Rocha Pitta e Durão, limitaram-se a descrevê-lo superficialmente, a manear dos velhos cronistas jesuitas, como infima criatura, sem história e sem tradições, simplesmente porque ignorava uma tantas reses e adorava os trovões e as tempestades. Gonçalves Dias e Alencar seguiram, porém, outro rumo, caminhando pela estrada aberta por Fenimore Cooper e Chateaubriand. Nem um dos dois, entretanto, perdeu a personalidade, nem um deles caiu na enreda em que, geralmente, ficam presos os imitadores de segunda ordem.

O mesmo sucede com Taunay, pois, na companhia dos meus franceses, permaneceu brasileiro como poucos, ganhando, além do mais, aquela sobriedade de dicção, que, de Montaigne

(Continua na pág. 198)

EFEMÉRIDES DA ACADEMIA

2 DE ABRIL

1840 — Nascimento de Emílio Zola, que foi membro correspondente.

4 DE ABRIL

1833 — Nascimento, em Madrid, de José Echegarai, que foi membro correspondente.

5 DE ABRIL

1860 — Nascimento, em Congonhas de Sabará, hoje Vila Nova de Lima, (Minas Gerais), de Augusto de Lima.

1866 — Nascimento, em Santos, de Vicente de Carvalho,

6 DE ABRIL

1838 — Falecimento, em Niterói, de José Bonifácio, patrono da cadeira n. 15 do quadro dos correspondentes.

1881 — Nascimento em Jangá, Alagoas, de Gouart de Andrade.

7 DE ABRIL

1823 — Nascimento, na Bahia, de Gregorio de Matos.

8 DE ABRIL

1857 — Nascimento, em Óbidos, Pará, de José Verissimo.

10 DE ABRIL

1880 — Nascimento, nesta cidade, de Luiz Carlos.

1907 — Falecimento, nesta cidade, de Teixeira da Mello.

11 DE ABRIL

1882 — Falecimento, nesta capital, de Joaquim Manuel de Macedo, patrono da cadeira n. 20.

1935 — Eleição de Victor Viana, na vaga de Augusto de Lima.

12 DE ABRIL

1863 — Nascimento, em Angra dos Reis, de Raul Pampéria.

1828 — Eleição de Ramiz Galvão, na vaga de Carlos de Lacerda.

13 DE ABRIL

1934 — Falecimento, nesta capital, de João Ribeiro.

1935 — Recepção do dr. Rodolfo Garcia pelo sr. Alfonso Taunay.

14 DE ABRIL

1857 — Nascimento, em São Luís do Maranhão, de Aluizio Azevedo.

O CAMARADA - Visconde de Taunay

A bem de algum sossego do espírito e comodidade do corpo, quem viaja pelos alongados serrões do Brasil, precisa ter, em primeiro lugar, um bom e diligente camarada.

Sem de tudo é tropeço, tudo estorvo e dificuldade, com a sua presença, perspicácia e experiência, nada se torna insuperável, nada impossível ou desremediado.

Um camarada energético e inteligente, traquejado nas labutações da vida do deserto, observador cauteloso, não das belezas da natureza, mas de tudo quanto nela possa servir-lhe de auxílio e direção, um homem desses que substitui, embora em esfera limitada, as inúmeras repalhas que a comunhão e o contacto da sociedade civilizada nos podem proporcionar.

Dele e só dele é que depende

quase unicamente esse bem estar relativo que o vijanje busca com a prática conseguir em jornadas tão dilatadas e senão rodeadas de perigo, cheias pelo menos de cancelas e necessidades, como sejam as que se fazem pelas vastas terras do interior.

E' ele quem marca com antecedência o pouso e o preparo, desbastando-o logo das ervas mais altas e incômodas; quem levanta a barraca ou arma o toldo e suspende a rede; quem acende o fume; vai ao côrrego buscar água; trata da comida; cuida dos animais; pensa-lhes as feridas; atalha as cangalhas; arranca os carneiros, os tangue por diante, os socorre nos atoleiros; quem nos tremedas derruba a carga; torna a levanta-la, e tudo isso que representa interessante

sídios de um dia inteiro, de sol a sol, sem a menor demonstração de impaciência, sem o mais leve vestíbulo de aborrecimento ou de fadiga.

As suas horas de descanso são bem aproveitadas, seus minutos tão bem calculados que, mal aponta a primeira barra da madrugada, já está, quando tudo corre ao seu sabor, os cavalos e bestas à sogra, comendo em embornais a ração de milho, apanhados que foram em distante pasto. Ferve a água na tripeça para o café da manhã, e, ao chamado do amo, é logo servida a modesta e matutina refeição.

Nada o surprende. Hábitos arraigados a vida vadia e agitada lhe não consentem. Ocasiões há em que as coisas lhe não correm da mil maravilhas;

mo que de propósito se barbam.

Desapareça por exemplo um animal de carga ou de selo. F' preciso então revolver grandes extensões, estudar o rasto, seguir-las pelas pegadas e legumes, bater matos e capões — um-noso trabalho, tanto mais de envergadura quanto para a viagem é um dia perdido, lestando-se com sol alto o ponso, para ir-se pernoitar possa adiante. E, se na manhã seguinte se repetir o fato, como é usual, recomeça o mesmo lidar, reproduzindo-se as mesmas perquisas, peripécias idênticas, cada vez mais desesperadoras para a paciência mais experiente.

Arranca a paciência mais experiente e sofredora, e que, entretanto, em nada alteram a imperitável serenidade do camarada.

(Céus e Terra do Brasil)

Última canção do Beco —

*Manuel Bandeira
(da Academia Brasileira)*

ILUSTRAÇÃO DE OSWALDO GOELDI



BECO QUE CANTEI NUM DÍSTICO
CHEIO DE ELÍSES MENTAIS,
BECO DAS MINHAS TRISTEZAS,
DAS MINHAS PERPLEXIDADES
(MAS TAMBÉM DOS MEUS AMORES,
DOS MEUS BEIJOS, DOS MEUS SONHOS),
ADEUS PARA NUNCA MAIS!

VÃO DEMOLIR ESTA CASA.
MAS MEU QUARTO VAI FICAR,
NÃO COMO FORMA IMPERFEITA
NESTE MUNDO DE APARENCIAS:
VAI FICAR NA ETERNIDADE,
COM SEUS LIVROS, COM SEUS QUADROS,
INTACTO, SUSPENSO NO AR!

BECO DE SARÇAS DE FOGO,
DAS PAIXÕES SEM AMANHÃS,
QUANTA LUZ MEDITERRÂNEA
NO ESPLendor DA ADOLESCÊNCIA
NÃO RECOLHEU NESTAS PEDRAS
O ORVALHO DAS MADRUGADAS,
A PUREZA DAS MANHÃS!

BECO DAS MINHAS TRISTEZAS,
NAO ME ENVERGONHEI DE TI
FOSTE RUA DE MULHERES?
TODAS SÃO FILHAS DE DEUS!

DANTES FORAM CARMELITAS...
E ERAS SÓ DE POBRES QUANDO,
POBRE, VIM MORAR AQUI.

LAPA — LAPA DO DESTERRO —
LAPA QUE TANTO PECAIS!
MAS QUANDO BATE SEIS HORAS,
NA PRIMEIRA VOZ DOS SINOS,
COMO NA VOZ QUE ANUNCIAVA
A CONCEIÇÃO DE MARIA,
QUE GRAÇAS ANGELICAIS!

NOSSA SENHORA DO CARMO,
DE LA' DE CIMA DO ALTAR,
PEDE ESMOLA PARA OS POBRES,
— PARA MULHERES TÃO TRISTES,
PARA MULHERES TÃO NEGRAS,
QUE VEEM NAS PORTAS DO TEMPLO
DE NOITE SE AGASALHAR.

BECO QUE NASCESTE À SOMBRA
DE PAREDES CONVENTUAIS,
ÉS COMO A VIDA, QUE É SANTA,
PESAR DE TODAS AS QUEDAS.
POR ISSO TE AMEI CONSTANTE,
E CANTO PARA DIZER-TE
ADEUS PARA NUNCA MAIS!

MULATO" - JOSUÉ MONTELLO

maia coletiva. Na primeira audiência do processo, o dr. Lamberth exibe, realmente, um documento firmado por Manuel de Béthencourt, Alízio Azevedo, Pedro Freire, Artur Pereira, Manoel de Pinho Junior, Paulo Augusto Pereira e Aprígnio Azevedo — documento no qual os seus assinatários se confessam, numa responsabilidade geral, os editores do "Hemisfério". O advogado por não ser nato — e o segundo, por não ser mulato". Essa mobilidade vertical sofre, entretanto, os mais rudes combates e revéses. Para muita gente com fumaca de sangue limpo, o mulato, apesar do grau de doutor e do título de bacharel, continua a ser tratado como se ainda vivesse de pé no chão a arrastar o calcéu do catavento.

Muita indireta pesada o mu-
lato recebeu de cabeça baixa.
E muita partida, com o propó-
sito hostil de amesquinha-lo e
ferti-lo, lhe foi pregada nos sa-
lões do Império.

ir, não tem sede para responder o processo. Enquanto juzga, não decide a questão. Alitius, por seu efeito, por todos os meios que seu alcance, o seu espírito de cunho. Exerce e desenha, sem julgá-lo, em artigos de opinião, no clero e em caricaturas, o direito ao pleito. A cidade tem de boletim incendiário, o romancista fez dis-

O antroposocialismo pode ser explicado com um novo ponto de vista sociológico sobre o problema do mulato brasileiro.

Cesco figura das mais ilustres
eas paixões da província — re-
volta-se contra os papeluchos
explicados contra os padres e
mais, numa incisiva apôs-
tase, canta de direito e da lei

de erário do direito e da lei
que na jurisdição de represália
não havia: "Porque boleiros in-
evitáveis, inaudiosos, sendo
heróicos à propósito de uma
caçada, não tributavam? O
sociedade. Entretanto, no nos-
so entender, fosse e sentimento
a principal geradora do movi-
mento que se levantou na Co-
lômbia e no Império para custi-
tar o novo homem.

Na verdade, cada mulato cessa de ser escravo quando nasce um filho.

que, embora o apelo dos
adversários pretensos e espontâ-
neos em uma causa sumária,
seja o intuito de exercer pres-
são sobre o juiz ou sobre o que-
rem? As palavras de Gomes
de Castro dão bem a ideia da
revelia dos rapazes de "O Pen-
sante". Apesar de tanta luta,
pouco o tribunal se decidiu a
fazer do sacerdote — e o im-
preso — foi condenado a quatro
meses de prisão simples. A der-
via representar aos olhos das
senhá-doras a prerenovação dos
brancos nas senzalas. E o cime-
te, em tal caso, foi um impul-
so natural, pejamente e spi-
cante — baseado não em sim-
ples suspeita, como na personagem
shakespeariana, mas
aplicado em plena real como no
herói moderno de René-Albert
Gutman.

A história do cativeiro está
na Biblioteca. Dá-lhe

Aluízio de Billecourt. Ficante
do, nesse Aluízio, perceu-
ganhar mais coragem para de-
screver, car sobre os padres a sua
velha de moco emancipado. Na
"Fazenda" e no "O Pensador"
evidenciava a desferir os mesmos
gozações e a revelar os me-
moriais escandalosos em torno
dos acontecimentos maranhenses.
Nas páginas de "O País" já está
quase concinada a composição
de "O Mutato". Em maio, o ro-
mance cira à lume, ferindo em
clérigos a sociedade burguesa e os
poderes do Maranhão. O livro
relata como um prolongamento
do romance iniciado nas colu-
mas de jornal. E nele figura ma-
nhense e solteiro do Cônego Dia-
povoada de episódios compraga-
tórios do excessivo clame das si-
nhas-donas. Esses episódios
atingiram, por vezes, o bárbaro
aspecto inguitorial de cruel-
dade e extrema. Houve a fatal
morte de escravas bonitas au-
reoladas de mistério. Da noite
para o dia, muita beleza negra
foi assediada e apareceu grotesca-
mente de dentes arrancados e
enguiços sanguinudo. E não ju-
ram poucas aquelas que tinham
as partes genitais queimadas a
ferro em braço. E tudo isso
aconteceu nesse Brasil de ou-
tros tempos, e porque ha-
via baixando sobre as pobres
garotas culpas o olhar amoroso e
fatal de seus senhores.

mento e autor de *Conceito Dic-*
go, que é no romance o tipo
de homem da experiência a serviço
de outros, pessoas — Aluzio-
nen — ligado ao reves imposto
pele luta aos turbulentos raga-
mentos do seu tempo.

Le todas as províncias do Império foi talvez a do Maranhão aquela onde o preconceito de cunha raiz a mais temerosa in-

Era preconceito manifestou-se principalmente contra o mulato. Sendo da senzala, tornado livre pela benevolência dos senhores — o cuba (como então era chamado) conseguiu fugir da escravidão, para infiltrar-se nas classes superiores, graças de suas inegáveis qualidades de inteligência, seduziu-

é de arte, ciência e educação. A Universidade de Coimbra e as Faculdades de São Paulo e Recife — formaram durante o Império numerosos bacelares mulatos. A descendência dos senhores não se restringiu à liberdade das senzalas; expandiu-se a uma educação aprimorada, fazendo o basilar de procedência humilhante nitrar-se com os filhos legítimos nos berços, e aí se iniciaram novas aspirações.

nenhuma das escolas superiores. O magistério, o jornalismo e sobretudo a política completaram a ascensão do novo tipo. E tão sensível foi a sua elevação na sociedade imperial que, o propósito da queda da monarquia, se chegou a discer com

teria plástica o assunto central o mistério: o fazendeiro, che- preconceito, prefere que a neto de seu romance — "O Mulato" gando à fazenda sem ser espe- que socorra, a casa-lá con- * * rado, encontra a mulher no um erônio aforado. Rainha

Em maio de 1881, em São Luiz do Maranhão, a "Faco-linha", jornal de Alzílio e Vitor Lobato, intensificou a propaganda do livro. E em princípio de junho "O Mutato" vinha afinal a lume, numa tiragem de mil exemplares. Era um grosso volume in-8º, de quase quinhentas páginas. Alzílio, na "Faco-linha", fez a publicidade do livro, estampando, com pseudônimos femininos, cartas e comentários sobre o aparecimento do romance.

Enquanto a multidão, em grande desordem, encantava a mulata, os braços do Cónego Diogo, Mata da decide-se a rapar Ana Rosa, a esposa, cego de ciúme. O cônego consegue escapar de morte obstando pelo cônego, que le certa, pratas à astúcia que lhe é embargo, com quatro pracas e dita paixão situado sacerdotal. O fazendeiro humilha-se e obtém do clérigo o silêncio quanto o mulato sobre o crime. Tempos depois, escade do sobrado, a carregar numa emboscada. José Pedro da Silva é assassinado pelo Cónego Rosa é de maior idade. E o — e o crime fica impune porque ninguém sabe quem o praticou. Uma discussão onde interfere o prelado passa, então, a morar toda a família do tio, deixe o capital da província e se abre vez a escada, deixando amido muito chegado da casa bem claro o seu propósito de re-

"Uma lágrima de Mulher" em 1879, forte recebido com frieza, quase não se falando desse lirinho romântico. Mas "O Mulato", agora, era um volume de sensação. O romance, surgido em plena luta do geracionamento, devia refletir — e de certa forma prolongar — o tropel da batalha. Nunca se presenciara na provinciana cidade de São Luiz do Maranhão uma curiosidade semelhante. O romance foi lido avidamente — e logo cresceu em torno do romancista um rancoroso movimento de hostilidade.

amigo muito chegado da casa bem curto o seu propósito de reunião. Manuel Pescada, irmão de correr à justiça para poder reaver sua vítima. O cônego é figura lilar do casamento. Mas o Dias, circunspecta e por todos respeitado. Manuel Pescada, viúvo, locais, numa villa, onde sabe mora num sobrado em companhia da sogra, dona Maria Barroso, e de uma filha, já moça certeiro pelos costas. O crime — Ana Rosa, por quem o doutor Raimundo logo se apaixona. Ao ter notícia da chegada do filho uma descrição de uma festa no Clube Familiar, São Luiz do Maranhão. Na madrugada de inverno, ao fim do dia, trazem-se cortinai em presença do maita, das até o palamar do clube embora, por detrás, entre as combate-ão rudemente, chaman- do-o de cobra e negro. Maridados, o Dias e a Ana Rosa. Há

O romance era realmente um lbelo terível. Aquele poder de saíra que Aluzio exerceria como caricaturista, estava outra vez presente, agora animado exclusivamente pelo palavrão. Os ridiculos, os preconceitos e as dores de cabra e negro, maria casadas, o Zézé e o Ana Rosa, a Barbosa, senhora muito ciosa quatro anos estão casados. O lbelo de limpeza no sangue das famílias, escândalo do dontor Rainha-
lia, tem a mais viva das ogeras dentro meio esquecido. O rai-
solas dos mulatos. Por isso não me fica aureolada de mistério.
Olha com bons olhos a presençá. E o cônego Diogo continua a
caça de Rainhundo no sobrado. E desfrutar na cidade uma tran-
quila vida, sem arrepios. O cônego Rainhundo, metade arrepiado,
metade orgulhoso. O cônego Rainhundo, metade orgulhoso, metade
arrepiado, metade orgulhoso. O cônego Rainhundo, metade orgulhoso,

mistérios de província estavam
tintos e fletis, orações dos recrutas
do rumo da cesta, na dolorosa nar-
rativa. Veda, ameaçava, é o
máximo que a campanha mais ediosa. O
cônego Diogo e Manuel Pescador
tramaram o casamento de Ana Ro-
sa com o Bias — um sordido lu-
lado pela sua conduta e admira-
do pelas suas numerosas rela-
ções sacerdotais...
Esse final da narrativa, dra-

tude quando, entre surdas, lobulava no balcão do despachante David Freire da Silva. As conversas de rua, os modismos regionais, as superstições e as lendas, as paisagens e os costumes — em suma: tudo o que se passava naquela vila mais representativo. A velha torna-se medonha no ódio ao cabra. Para ela, o culpado de tudo era dadeiro des/cho do doloroso enredo de "O Muleiro" na mitima forma desse romance. Pelos originais do livro, verifi-

e os costumes — em suma: tudo o que dava à cidade uma fisionomia e um aspecto individual e próprio, vinha reproduzido com exatidão perfeita nas páginas de "O Mulato". Essa exatidão jora de tal forma que para qualquer maranhense, sob a sugestão de painéis e tipo subitamente revisados, esse romance, mesmo após a publicação de "O cortiço", seria considerado a obra-prima de Aluizio. Por isso mesmo não tardou que na cidade começasse a ser feita a identificação das personagens. Dona Ana Leger, retratada na figura pilosíssima e ridícula de Dona Amâncio Souza, era amiga de injúria de dona Emilia. Logo que, "O Mulato" entrou a ser lido e comentado na capital maranhense, dona Ana rompeu relações com a família Azeredo. Attitude mais hostil tomaria o clero, que se julgava ferido com o tipo de ob-

ra cheia de juntada. Rainundo tinha em projeto uma viagem ao Rosário, donde iria para conhecer o local de seu nascimento. A viagem, que seria realizada no meado do ano, é logo antecipada por Manoel Pescada com o objetivo de ajustar o sorriso, quanto antes, da presença da filha. Durante a viagem, Rainundo tem a saber de sua condição de mulato e que por isso Ana Rosa não lhe pode ser dada em casamento. Episódios acontecidos com sua pessoa e até então por ele inexplicados, subitamente se esclarecem com a brutal revelação feita pelo tio: as indiretas, as recusas, os risinhos mal velados, enfim: tudo o que, a princípio, supunha tratar-se de provincialismo chuvio e lacanho, passa a ter um sentido cruel de hostilidade e luta. (1) E o mulato concede logo o propósito de abandonar o mais cedo possível a estúpida provin-

cia, para se estabelecer em São Paulo, onde, com a morte de Ana Rosa, no primitivo desenlace de tragédia romântica, ocorre no momento em que a rapariga chega à janela do sobrado alvaiado por um rumor de pavilhão revoltado, e reconhece numa rede que vem carregada por dois negros, o cadáver do mulato Rainundo. Esse epílogo estava certamente em melhor correspondência com o temperamento de Aluizio: a transição dramática para um final trágico, porém mais rude ao leitor da época, valeu como uma concessão feita pelo romancista ao processo da nova escola literária.

juçou ferido com o tipo do conego Diogo, em cujos traços não fôraria difícil descolorir-se logo um dos prelados mais ilustres da diocese do Maranhão.

* * *

O romance era um espanhado muito vivo e muito feio da vida provinciana de São Luís. Tipos e costumes ali estavam. A urá-

A história que constitue o romance era bastante conhecida na cidade. O caso acontecia realmente. Apesar o romancista dera no episódio um sentido mais dramático. O mulato Rainmundo, formado em direito na universidade de Coimbra, vira a São Luiz e hospeda-se em casa de um Ito, Manuel Pedro da Silva, comerciante português mais conhecido pelo apelido de Manuel Pescada. Rainmundo jora mandado a Portugal muito criança — e por lá figura até adquirir o grau de doutor. Era mulato — e desconhecia que o fosse. Também pouco sabia da própria origem. Não conheceria a mãe e lembrava-se vagamente do pai, José Pedro da Silva — fazendeiro na cidade do Rosário, morto em circunstâncias misteriosas pouco depois de lhe haver morrido a esposa. O romancista esclarece para o seu leitor no sobrado de Manuel Peccada. O cônego, em nova altitude teatral, consegue dar no rapaz a impressão de que está cometendo uma clamorosa injustiça. Mas ao sair do apóstolo, o clérigo jura ringardar da "cabra apóstolada". Rainmundo insiste no desejo de embarcar, assim que decide os seus negócios. Mas no dia do embarque, quando todos os esperam para dar-lhe as despedidas no cais, o mulato não comparece. Decide perder o vapor, porque lhe volta ao espírito a certeza de que Ana Rosa também perdidamente o ama. O episódio altojoraria o cônego e a família do Pescada. O clérigo desconfia — "que há mouros na costa". Põe Ana Rosa em confusão e vem a saber que a rapariga está grávida. O Pescada quase perde a cabeça. Do e costumes ali estavam. A própria linguagem das personagens é romancista não a alterara, ao transportar para o livro a fale regional de seus modelos. E o conflito entre o mulato e a sociedade burguesa saíra-lhe de tal maneira bem apanhado que futuramente os sociólogos interessados no problema teriam de recorrer as páginas de "O Mulato" para a formação de uma perfeita imagem daquela batalha social. Nem mesmo a ignorada origem da questão Almeida deixava de transpôr. Realmente ele soubera perceber, como observador direto, o papel da mulher na luta contra o novo homem. E encarnou no tipo coerente de dona Maria Bárbara a maior parcela da campanha desferida contra o mulato no decorrer da narrativa. En quanto o cônego Diogo estimu-

(Continua na pág. seguinte)

História de "O Mulato"

(Continuação da pág. anterior)
lo com o combate levado pelo interesse individual bem claro de afastar da província, a princípio, e eliminar do número das vidas, em seguida, o interessado diretamente na elucidação da morte misteriosa de José Pedro da Silva — dona Maria Barbara age apenas por instinto, governada por uma força subterrânea que lhe comunica o ódio mais radical aos crioulos e aos caixas. Essa força era certamente um recalcado chisme de sainha-dona, recebido por herança ou concebido por direta suspicção... *

Domingos Perdigão não se enganava ao prever o ressentimento da província com o romance de Aluizio. O livro foi discutido e fogegamente devorado. O romancista "era por toda a cidade apontado a dedo; amado pela metade da população e amaldiçoado pela outra". Em reminiscência desse tempo, o escritor lembraria mais tarde, num conto antibiográfico: "Os devotos enverteciam-se, como os padres pediam no dia que me carregasse para longe da província."

A "Civilização" voltou, logo, contra o romance e o romancista, todos os instrumentos de que podia dispor.

Por essa época já havia desertoado do grupo de Manuel de Blhencourt o poeta Euclides Faria Extremado em pontos de religião, tendo de Deus e da sua Igreja umas ideias muito suas — Euclides não estava de acordo com o espírito rebelde e atacatório de seus companheiros de geração. E passou-se naturalmente para a gazeta dos padres, trazendo para a "Civilização" um belo ardor combativo e um admirável poder de sátira demolidora. São Luiz do Maranhão conhecia-lhe de sabra o talento epigramático, o temperamento galhofeiro e alacre de que a revelação este xêneto escrito a propósito de uma viagem marítima entre o Párd e o Maranhão:

"O jaboti mal velho e já caindo, que não pode mexer-se de canela, é mais veloz ainda na carreira, que o paquete chamado 'Perinambuco'."

Quem viaja uma vez neste mundo Promete não cair mais neutra, farsaíneira, Afin de não levar a vida intelectual, Como siri, p'ra trás, sobre o tijucu

Como se fosse inválido perneta, Nunca pode fazer jornada franca, Pela carga, que leva, da muleta,

Quem far uma viagem nessa francesa, Quando sai do Pará com a barba preta, Chega no Maranhão com a barba branca!"

Seria ele, no hedonismo do clero maranhense, o mais forte adversário que Aluizio teria de encontrar. Na secção intitulada "Secas e Mecas" e assinada com o pseudônimo de Joaquim de Albuquerque, Euclides Faria, logo após o aparecimento de "O Mulato", lançou-se, em cinco crônicas sucessivas, contra o romance e o romancista. E foi impagável. Conhecedor da vida privada de Aluizio, não vacilou em trazê-lo a público, procurando ridicularizar o antigo companheiro de tertúlias literárias. Zombou do realismo "que vicejara nos mangais do Anil e do Bacanga", chamando ao seu apóstolo em São Luiz, de Zote e Zolazinho de meia tigela. A última crônica foi a mais cruel. Continha trechos assim: "Permita o juiz Zote, autor do 'Mulato', que me admire ainda uma vez, a sua compreensão sobre o re-

lado é de eternas luminárias! Melhor seria fechar os lóculos e plantar batatas e jurar com o uníquo rufus:

Abracou o astro com a ameaça E acharam-se parentes."

Nenca Aluizio esqueceria as injúrias desse artigo. A 30 de Julho, responde a Joaquim de Albuquerque. Pensa que por detrás desse pseudônimo se oculta o padre Raimundo Alves da Fonseca. E a resposta é dirigida ao celebre sacerdote. Mas Aluizio, na réplica, não é o mesmo panfletário dos outros dias, quando investia jovial e ironico, contra o padre Castro.

Suas palavras revelam claramente o escritor magoadão, ferido com aquela crítica impiedosa — a única que na proximidade se fizera sobre um romance que rasgava as lettras nacionais um novo caminho. Pelo resto da vida teria presente o eco do labeu recebido na sua terra natal, São Luiz do Maranhão, insultada, na única referência ao seu romance, enquanto das outras províncias, e principalmente, se elevava a massa coral dos elogios unânimes. Urbano Duarte, no Rio, com a autoridade do seu nome, lançara um gritito alacre de grande repercussão: "Romancista no Norte!" Araripe Junior dedicou-lhe uma crítica penetrante, indicando lucidamente os novos rumos que aquele romance vindo do Maranhão trazia para a literatura brasileira. O êxito foi estrondante. De um momento para o outro Aluizio sentiu seu nome cercado de um forte rumor de glória. Mas as palavras cruzéis ouvidas em São Luiz deixaram o jovem romancista subitamente amargurado. A província, agora, com os seus preconceitos e a miséria moral de seus homens, é mais ambiente compatível com as inquietações e as rebeldias do moço escritor. E Aluizio pensa outra vez no Rio de Janeiro. A corte o chama, acalmando, pela pena de seu jornalista mais ilustre, o talento do romancista maranhense. O artista achava, afinal, para a conquista da glória, o seu caminho tantas nezes sonhado...

Em pouco tempo, a edição de "O Mulato" se esgota. A hostilidade da província contra o Zolazinho do Bacanga veta crescente, como as águas de um rio pelo inverno. Aluizio, sobre desejitas mesquinhias e recebe insultos nosz. Mas reage, contra uns e contra outros. Na "Pacotilha", ou no Pensador — volta-lhe outra vez aquela tempestade de combatente destemido. As beatas se persignam, as fofas com o ato, com o pedreiro liture. O clero não se cansa de indigílio como um velho perigosíssimo, de cuja presença as famílias devem afastar as miúdas-mocas bonitas. Entre os antigos companheiros de geração, Aluizio vai descobrindo os inimigos que a inveja fatalmente fencia e cria. A cidade fascina o romancista. Parece mostrar-lhe, em cada trecho, um aspecto novo, convidando-o para um minuto de contemplação. Os sobradões de azulejo, as velhas igrejas coloniais, as ruas em ladeira. O Largo dos Remédios, o Ribeirão dando água a pobreza pelas três bocas de pedra de seu chafariz. A baia de São Marcos pontilhada de velas. Os faróis ao longe, rompendo a noite. A Ponta da Areia com os espetros de seu velho forte exborrado. Tudo isso, que comove Aluizio, será em breve, para ele, nezes ano de 1881, uma paisagem distante...

A 20 de Agosto, numa crônica intitulada "Bons Maranhenses", despede-se dos conterrâneos: "Escrevo-lhes esta crônica com um pé no estribo. Talvez seja esta a última que pingue de incompetência de minha pena neste Atenas encantada, onde o moleque representa uma potência de Estado e onde o clero se deixa representar alegramente por uma molecação..."

Aluizio deixa a redação da

Consórcio da Morte — Aloisio de Castro (da Academia Brasileira)

Domingo de céu azul não é para pensar-se em guerra morte. Mas, aqui ou ali, na terra afortunada, todos agora estão na guerra. Quem haverá que tire o pensamento das tristezas do tempo? Seria preciso a cada um fugir de si, desesmameçar-se. "Uma viagem depois de outra, um espetáculo depois de outro, vive o homem a fugir de si mesmo:

HOC SE QUISQUE MODO SEMPER FUGIT

Assim, no-lo recorda Seneca, no tratado da "Tranquillitate da Alma", trazendo o verso de Lucrecio. E acrescenta: "Mas como fugir, se de si mesmo não pode o homem apartar-se, tendo a si mesmo por companheiro incondômo e inseparável?"

O melhor será, em todo caso, buscar nos livros antigos a imagem de outras épocas e nos distarmos com as histórias, bem ou mal contadas, de outras vidas.

Foi o que fiz um domingo destes, abrindo o meu Tacito nos seus Anais. Ao acaso pisei o dedo no capítulo em que se narra de Seneca, mas ainda não sou causa de morte.

Ao ler o episódio do suicídio do filósofo, no ano 66 da nossa era, ajustado com a caposa da última partida, veio-me ao pensamento o caso do mal-adeado Stefan Zweig que a bordos aqui com razão comoveu Consórcio da morte — synanthropia, como diz com forca grega Oliveira Martins, definindo a voluntária morte de dois cônjuges.

Mas ao passo que com o escritor vienense o triste voto se confirmou e o mesmo veneno cerrou, a um só tempo, os olhos dos consortes, com Seneca, o espanhol cordovês, depois latino em Roma, o mesmo não sucedeu. Tendo aberto intemperado as veias, já se foi sozinho para o alem, enquanto a bela Paulina, a jovem esposa, que resolveu seguir-no no mesmo transe, já a esvai-se em sangue; quase no último suspiro se reanimou e se salva.

Não veio da livre vontade o suicídio de Seneca. Uma vez, quando moço, doente, com mil achaques, magro em extremo, pensou em acabar com a vida. Ele o confessou, numa das Epistolas a Lucílio, declarando que em atenção a longa idade do pae, que tanto o queria consentir em permanecer ca em baixo no mundo. Depois veio a melhorar, e na mesma carta declara que os estudos o curaram e que devia a vida à filosofia: "O que fortifica o espírito é útil ao corpo". Boa medicina e tão bom conselho como o mensana in corpore sano. A cada passo, na obra de Seneca, se encontra o elogio do suicídio. E' ainda nas Epistolas a Lucílio que se lê: "Ninguém é obrigado a viver em apuros e não facéis e múltiplos os caminhos para quem quiser a liberdade". Depois, vem com Epícteto: "Rendam-se graças aos deuses por ser impossível reter alguém no mundo contra a própria vontade".

O VISCONDE DE TAUNAY NA APRECIAÇÃO DE RONALD DE CARVALHO

(Continuação da pág. 194)

A Anatole, ainda não desertou das terras das Gallias, e é a sua prenda mais notável.

Taunay não se limitou a escrever romances e contos, sua literatura não é só de ficção, mas também de assunto político (A Nacionalização), Jurídico (Casamento Civil), científico (Questões Militares), teatral (Amelia Smith) e crítico (Estudos Críticos). Em todo o caso, foi como romancista que se distinguiu nas nossas letras, e é como tal que o devemos apreciar.

"Pacotilha". Desliga-se da direção de "O Pensador". E faz, entre os amigos, as suas despedidas. Marca o dia da viagem. Mas, tal como aconteceu com o doutor Raimundo, em "O Mulato", o romancista perde o vapor. Os jornais anunciam que Aluizio adoeceu subitamente da garganta. Mas o escritor, tempo depois, num conto autobiográfico, revelará o motivo sentimental do adiamento da partida.

Na bela epistola em que exalta o desprezo da morte, narra o filósofo o suicídio de Catão, que se resolvera a esse extremo com orgulhoso pensamento: que ninguém tivesse a glória de ter morrido ou salvo Catão. El-lo que em sua última noite se apresentou com dois instrumentos, um que o dispusesse a morrer, outro para matar-se: um livro de Platão e um punhal.

E' ainda Seneca quem traz o exemplo de Scipião, sogro do grande Pompeu. Arrastado pelos ventos à costa africana e vendido no barco preiado pelos inimigos, atravessou no corpo a espada e aos outros, que entoaram ali lhe perguntaram pelo general, deu como resposta: "O general está bem". Esta é a resposta, diz Seneca, o turuano digno da glória dos Scipões, e se muio era dominar Cartago, mas valia ainda dominar a morte na afirmativa daquelas palavras: "O general está bem".

Quanto a Seneca, o suicídio lhe foi imposto. Tinha a glória da velhice, mas esta, como todas as glórias, não havia de durar sempre. Passados os anos do esplêndido fastigio na Roma imperial, declinaria a estrela do filósofo, e já odiosamente o criticavam. Um Sutlio, deator venal que, intrigando a lei Cincio, advogava por dinheiro, solto a língua contra Seneca. A maligna plebe fez coro. Que era intolerável tal homem, e pondo com a sua eloquência. Que lucrara astúpios prodígios e inconcebíveis riquezas. Desfez mil drachmas! Mesas de cedro com pés de marfim! Que não tomava a sério as cantorias de Nero, nem a mestria com que este guava no circo os corricches... Sentindo-se no desfavor do tirano, o filósofo, para viver, desejava o sossego da aurea mediocridade, e quis restituir a Cesar os bens que deles recebera. Avistando-se com Nero, solto-lhe um discurso, no correr do qual dizia: "Onde a minha moderação e os meus reportados desejos, agora, que posso quintas magníficentes portentosas palácios e extensas terras e rendimentos polpidos? Minha só desculpa é que não ter sido possível contrariar a tua generosidade. Fomos aonde podíamos chegar: tu, concedendo o que um amigo pode aceitar do príncipe".

Então o refalsado Nero respondeu sem mal, e logo lisonjeando o preceptor: "Se de improviso responde ao seu medido discurso, é que em tua ilé aprendi a solver as dificuldades, assim as previstas como as de surpresa". E por ai foi, dizendo que a Seneca ainda não era chegado o tempo do repouso que requeria; que os bens que o apresentava eram cídiacos e todos sujeitos as mudanças da fortuna, ao passo que o que lhe viera, a ele Nero, dos conselhos e da experiência com que o instruiu Seneca, na infância e na juventude, esses eram bens para toda a vida. E com os sorrisos e abraços da ferocidade oculta, selava Nero

o exagero, o embellecimento da paisagem e das cenas desvirtuadas; mas na "Mocidade de Trujano" e em todos os seus outros romances e contos há páginas de ativismo sócio da Sociedade da Imigração ou do político militante. Artista, puro artista, e grande, fio o sr. Taunay na "Retirada da Lapuna" e na "Inocência", dois livros únicos na nossa literatura, desses, breitado o segundo, que na obra de um escritor, por maior que seja o seu mérito, representava menos uma determinação da sua vontade que a produção imponente do seu gênio, como o "Werther", de Goethe; "Paulo e Virginia", de Saint Pierre, ou "Iracema", de Alencar.

"O sr. Taunay não teve, jamais, depois daqueles dois livros, o cuidado, a atenção, a demora que exige a obra literária. Grcou muito e dispersou-se muito, sem se concentrar suficientemente, com um certo azar, de que tantas somos vidas, de produzir e publicar. A longa lista da sua produção tem obras de todo o gênero e de todos os valores, e ocasio em todas elas se sente a falta de medidação bastante e a invasão, como uma erva daninha, da banalidade, o vício de quem produz muito, sem respeito ao tempo e à saudade".

as palavras com que mentia ao coração.

Seneca todavia retraiu-se, agora metido em casa, dizendo-se doente, dando ao estudo todo o tempo, nacompanhia dos seus tratados. Quem escapou, entreando, dos odios conjurados? O ódio gerou o ódio. Aluizio acharam meio de fatalmente comprometer o filósofo, como compassa de Piso na conjura deste, e um boio dia, já retirado ao campo, junto aos muros de Roma, estendeu Seneca à mesa com a esposa e duas amigas, um centurião forçou-lhe a porta e lhe intimou a execução de Nero — que moreava. Muito era que pudesse coriar as velas, modo de morrer tão por favor em Roma. Então o filósofo, abraçando a esposa, fêz juro por consolação, mas aí vao. Paulina deliberou-se, ali mesmo, a morrer com o marido, e Seneca, "fossé para poupar-lhe futuras perseguições, fosse para a não subtrair à grandezza daquele hermano", que tal era o suicídio, aprovou a mulher, dizendo-lhe: "Se mata passo fatal mostrarmos igual valor, mas sobre ninda é a tua determinação".

Como o sangue correu-se lenito e pouco, querendo evitar a esposa o quadro das suas agonias, instou-lhe Seneca que passasse a outro sposo. A Stacio Anneo, médico de tombo e seu amigo seguro, rogo o moralista lhe apressasse o acabar com o veneno, que chegou a beber. Por fim, matado num banho quente, sem demora cou o vapor dágua se aafocou.

Enquanto isto, chegava a ordem de Nero que não deixasse morrer Paulina, ligaram-lhe os braços, sanguine estremecendo. Estava salva, E entao? Conclui a narracão de Tacito: "Ainda hoje é discutível se isso se fez à revelia dela, pois, estando no próprio vulgo lar, sem gente, mas admitem que ela só desejara participar do fim estúpido do marido enquanto tentava Nero implacável. Tão depressa, porém, percebeu esperança de salvacão, para logo o desejou de viver pôde mais que tudo".

Elizabeth Zweig, tão jovem como Paulina, foi mais dura na desgraça. Decidida por si mesma a trilhar o destino do esposo, não teve, no caminho extremo, quem a detivesse, e aí ele abraçada, como para viver no amor do feliz tempo passado, se fez gloriosa ao partilhar, mostrando amor para sempre. Bendita seja.

UM LIVRO DO VISCONDE DE TAUNAY

(Continuação da pág. 194)

o exagero, o embellecimento da paisagem e das cenas desvirtuadas; mas na "Mocidade de Trujano" e em todos os seus outros romances e contos há páginas de ativismo sócio da Sociedade da Imigração ou do político militante. Artista, puro artista, e grande, fio o sr. Taunay na "Retirada da Lapuna" e na "Inocência", dois livros únicos na nossa literatura, desses, breitado o segundo, que na obra de um escritor, por maior que seja o seu mérito, representava menos uma determinação da sua vontade que a produção imponente do seu gênio, como o "Werther", de Goethe; "Paulo e Virginia", de Saint Pierre, ou "Iracema", de Alencar.

"O sr. Taunay não teve, jamais, depois daqueles dois livros, o cuidado, a atenção, a demora que exige a obra literária. Grcou muito e dispersou-se muito, sem se concentrar suficientemente, com um certo azar, de que tantas somos vidas, de produzir e publicar. A longa lista da sua produção tem obras de todo o gênero e de todos os valores, e ocasio em todas elas se sente a falta de medidação bastante e a invasão, como uma erva daninha, da banalidade, o vício de quem produz muito, sem respeito ao tempo e à saudade".